

JUAREZ CARRA



Fidélis Dalcin Barbosa

EST

JUAREZ CARRA

“Alto, moreno, olhos castanhos, era um poema de simpatia, uma epopeia de encantos, sua presença alegre, sempre sorrindo, era uma festa e toda a parte: em casa, na escola na comunidade, no trabalho, nas viagens, no grupo de jovens e, sobretudo no campo de futebol.”

Fidélis Dalcin Barbosa

JUAREZ CARRA



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Fidélis Dalcin Barbosa

JUAREZ CARRA

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Biografia. -Porto Alegre: Edições EST, 1994. 64 p.;

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 31/05/2013

C311b Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-
Juarez Carra [recurso eletrônico] / Fidélis Dalcin
Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.
E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-8326-002-8

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Jogadores de futebol – Biografia. 2. Memórias.
I. Título.

CRB 10/1364

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364



Figura 1- Juarez recebe a Crisma, de D. Paulo Moretto; padrinho: Deonir Costa.



Figura 2 - 1977 – casamento de Luiz e Celita Barison; Juarez com três anos.

Sumário

1. BERÇO DE VULTOS EMINENTES	11
2. JUAREZ CARRA	12
3. O BERÇO	13
4. ESTUDANTE	14
5. TOCADOR DE VIOLÃO	16
6. BRACO DIREITO DA FAMÍLIA	17
7. PROBLEMAS DE SAÚDE	19
8. ESTRANHOS PRENUNCIOS	20
9. EM SANTO ISIDORO	22
10. O FUNERAL	24
11. CONDOLÊNCIAS	25
12. MARISETE CARRA - IRMÃ	26
13. JOVELINO CARRA - IRMÃO MAIS VELHO	31
14. GILBERTO CARRA - IRMAO	33
15. A MISSA DE 7º DIA	36
16. MISSA DE 30º DIA	37
17. IRINEU - O PAI	38
18. MADALENA COSTA CARRA - A MÃE	39
19. FRUTIKAR TILLERS	41
20. VALERIA GAZZOLA - NOIVA DE GILBERTO	42
21. MADALENA DANIELA	44
22. IVALINO LUIZ CASTRO	45
23. PE. NERI JOSE TONDELLO	46
24. PADRE JAIME BERNARDI	47
25. NIL TON DAL PONTE SIMIONI	48
26. FAMÍLIA CARRA	51
1. PEDRO CARRA (1902 - 1976)	53
2. MARIA DAMBROS CARRA	56
3. OLÍVIO CARRA - FUNDADOR DE	57
SÃO MIGUEL DO IGUACU - PR	57
4. CAPELA NOSSA SENHORA DO CARAVAGGIO	58
5. SANTUÁRIO PRADENSE DE CARAVAGGIO	60
6. Novena a Nossa Senhora do Caravaggio	61
Índice de ilustrações	72



1. BERÇO DE VULTOS EMINENTES

O pequeno município gaúcho de Antônio Prado, de apenas 340 km² e uma população de 11 mil habitantes, criado em 11.2.1899, possui um história fascinante, mercê, sobretudo, de seus filhos ilustres, espalhados pelo Brasil; mercê de seu território extremamente montanhoso, uma autêntica atração turística, com panoramas deslumbrantes sobre os profundos vales dos rios das Antas, da prata e Turvo. Mercê, ainda, de sua arquitetura artística típica da colonização italiana com 48 casas tombadas como patrimônio cultural.

Berço de Bispos, de centenas de sacerdotes e religiosos, conta até com candidatos ao altar, como Frei Ambrósio Tondello, para quem vai ser agora erguido um monumento em praça pública, na comunidade de São Roque, sua terra natal.

Renomados empresários do Brasil originam-se desta terra, esta terra que destacou milhares de migrantes fundadores de cidades em outros Estados.

Merecem registro: os Grazziotin, os Bocchese, os Letti, os Vacchi, os Prativiera, os Gazzola, os Mondadori, os Nodari, os Rotta, os Cesa, os De Boni, os Da Poian, os Mazotti, os Ampessan, os Valiatti, e centenas mais.

Uma dezena de escritores, historiadores e poetas, ponteados pelo várias vezes laureado Oscar Bertholdo, que pereceu prematuramente, em pleno vigor de sua arte, tragicamente, as mãos de assaltantes.

São pradenses prefeitos e vereadores de vários municípios de outros Estados. Entre os políticos, figuram deputados e secretários de Estado. Na magistratura, vai à frente o desembargador José Barison, orgulho de toda a região da colonização italiana do Rio Grande do Sul.

No setor da Economia, projetam-se no cenário nacional incontáveis pradenses comerciantes, industriais, moveleiros, agricultores, avicultores, vitivinicultores, pomicultores, encontrando-se entre os pradenses o pioneiro da cultura da maçã no Brasil. Foi em 1969 que o pradense Pedro João Nodari inaugurava a era da produção da maçã nacional, plantando em Fraiburgo, SC, 205 mil peso de madeiras.



Mais de 700 caminhoneiros pradenses, com suas possantes carretas, percorrem o Brasil. A maior parte dos caminhoneiros de São Marcos são pradenses que se transferiram para lá, em virtude das rodovias.

Entre os jovens que colaboram no engrandecimento da História do município, lembramos o professor Avelino Camatti (*18-11-1962) (+9-3-1980), filho de João Camatti e Rosalina Caon Camatti; líder da comunidade de Santana, estava sempre à frente de todas as grandes iniciativas, na sociedade, na escola, na igreja. Faleceu tragicamente.

Outra jovem, que também faleceu tragicamente, é *Roseli Maria Artuso* (*28-10-1974) (+3-8-1991), filha de Delvino Artuso e Teresinha Pasinato Artuso. Era uma menina sempre presente nas atividades da capela de Nossa Senhora do Caravaggio.

A estes jovens, que partiram tão prematuramente, junta-se agora o rapaz de quem vão falar as presentes páginas - JUAREZ CARRA.

2. JUAREZ CARRA

Alto, moreno, olhos castanhos, era um poema de simpatia, uma epopeia de encantos. Sua presença alegre, sempre sorrindo, era uma festa em toda a parte: em casa, na escola, na comunidade, no trabalho, nas viagens, no grupo de jovens e, sobretudo, no campo de futebol.

Era a personificação da arte de fazer amigos. Por onde andasse, na sua terra natal, em vários municípios gaúchos ou em São Paulo, deixava amigos. Estes surgiam logo à vista deste jovem de tanta disponibilidade, com seu sorriso brincando a flor dos lábios, com seus abraços, com seus presentes de maçãs do seu pomar. Não fazia distinção. Sorria para todos, grandes e pequenos, pobres e ricos, homens e mulheres. Desta maneira, aumentava continuamente a legião de seus amigos. Amigos que choram a sua partida prematura deste mundo.

Pertencia a diminuta equipe de jovens que em pouco tempo cumpre sua nobre missão na terra, passando com incrível velocidade, qual meteoro fugaz, traçando um rastro de luz. Jovens que demandam, na



madrugada da vida, as constelações siderais, porque não são deste mundo. Porque merecem um mundo melhor.

Exímio na arte de manobrar a bola, na posição de centro-avante, tombou no campo de futebol, em pleno vigor de seus 19 anos.

Às 14 horas do dia 25 de abril de 1993, ele telefonava para a namorada em Caxias do Sul, declarando que, após o jogo, pelas 19 horas, iria visitá-la. Realmente, naquela hora, ele foi a Caxias. Mas foi morto...

Na véspera de sua partida rumo à eternidade, os jogadores preparavam a cancha de futebol da comunidade de Nossa Senhora do Caravaggio. Um deles, trepado num poste da rede elétrica, consertava a aparelhagem da iluminação. Diz, então, Juarez: Cuidado, rapaz. Não vá cair. Não ficaria bem termos amanhã um velório aqui na igreja.

No dia seguinte, domingo, a comunidade velava na igreja um jogador de futebol - JUAREZ CARRA.

3. O BERÇO

A imigração italiana no Rio Grande do Sul, inaugurada em 1875, acontecimento soberanamente memorável, escreveu um novo capítulo da História do Brasil. A sublime epopeia, de bravura e heroísmo, dos obscuros pioneiros que, deixando o conforto da civilização europeia, sulcaram os mares, galgaram a serra e, numa aventura rocambolesca, desbravaram o sertão alpestre e lançaram os alicerces de opulentas metrópoles, autêntico orgulho do continente americano, merece ser cantada também em seus milhões de descendentes.

Acontecimento histórico que sublimou o Brasil em todos os setores da vida nacional: demográfico, econômico, político, social, cultural e religioso.

O ancestral paterno de Juarez Carra, o imigrante Benedetto Carra, que aportou em Antônio Prado em 1885, já tem, em 1994, mais de três mil descendentes, todos empenhados na construção de um Brasil melhor.

Entre os milhões de miseráveis, de favela dos, de assaltantes e sequestradores do Brasil, não figuram descendentes dos imigrantes italianos, alemães, japoneses, poloneses, suíços, árabes... Eles vivem



honestamente, procurando honrar o heroísmo de seus antepassados. Como Juarez Carra, estão aí pedindo registro nas páginas da história.

Penúltimo filho de Irineu Carra e de Madalena Costa Carra, neto paterno de Atílio Carra, bisneto de Lamberto Carra e tataraneto de Benedetto Carra; neto materno de Pedro Jose Costa e bisneto do imigrante Domingos Costa, Juarez nasceu na pequena localidade de Nossa Senhora do Caravaggio, na Linha Almeida, no dia 22 fevereiro de 1974.

Nos primeiros dias após o nascimento, o pequeno Juarez foi batizado na igreja matriz de Antônio Prado, pelo vigário, Pe. Leonel Pergher, sendo padrinhos Félix e Isolina Vedana. No batismo, recebeu o nome de JUAREZ, sugerido por Ivanete Marin Ravanello.

Declara a mãe: era um toquinho de gente. Com mais de um ano, pesava apenas oito quilos. Entretanto, antes de completar oito meses, já caminhava e falava.

Sofreu duas pneumonias e um forte desarranjo intestinal. Muito vivo e arteiro, desde pequeno dava opinião ao pai nos trabalhos e negócios. Muitas pessoas declaravam: este garoto é diferente dos outros irmãos e dos meninos de sua idade...

No dia 1º de janeiro de 1986, na igreja de Nossa Senhora do Caravaggio, Juarez fazia a sua Primeira Comunhão, das mãos do Pe. Júlio Giordani.

Com 14 anos, na igreja matriz de Antônio Prado, era crismado pelo Bispo de Caxias do Sul, D. Paulo Moretto, sendo padrinho Deonir Costa.

4. ESTUDANTE

Juarez iniciou seus estudos primários em 1982, matriculando-se na Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Euclides da Cunha, na



pequena localidade de Nossa Senhora do Caravaggio, concluindo aqui a 4ª série do 1º Grau em 1986.

Sua professora, Bernadete Marin, diretora da escola, afirma que Juarez embora não fosse um aluno brilhante e não se destacasse nos estudos como nos trabalhos, em que era mestre, sobretudo na mecânica, foi sempre um garoto simpático, muito interessado, querendo sempre saber das coisas.

Declara a professora Bernadete: quando teve de repetir a 2ª série, ficou sentido, mas logo se conformou, prometendo aplicar-se mais. Depois de concluir os estudos - diz a professora Bernadete - Juarez vinha seguidamente na minha escola. Um dia, em 1992, ficou uma tarde inteira aqui na escola, falando de seus planos, falando do pomar de macieiras na propriedade da família e em Bom Jesus.

Ao passar pela escola, nunca deixava de me visitar - prossegue a professora - Ele era muito simpático, muito brincalhão. Levava tudo na brincadeira.

Em 1988 matriculou-se na Escola Estadual de 1º Grau Santana, da vizinha localidade de Santana, distante 6 km de casa.

la sempre junto com sua irmã Marisete. Iam a cavalo, a pé, de carona ou de bicicleta. De bicicleta, fazia o percurso em menos de 15 minutos.

Em 1990 concluiu a 8ª série na Escola Santana.

O diretor, professor José Panisson, declara: Juarez era o animador da turma, alegre, estudioso, dedicado, amigo dos professores. Não brigava, fazia amizade com todos.

Depois que se formou - diz o diretor Panisson - ele voltava a visitar a escola, muito agradecido. Nenhum aluno foi tão amigo da escola como ele.

Nesta escola, foram seus mestres: Nilton Dal Ponte Simioni, Educação Física; João Carlos Lovatel, Educação Física; Ivanete Carra Anghinoni, Português; Maria Teresa Turmina, História e Geografia; Eneida Ghinzelli Riva, Ciências e Matemática.



Todos estes seus mestres são unânimes em atestar a excelente conduta deste seu discípulo.

A seguir, matriculou-se no 2º Grau, Curso Técnico de Contabilidade, na Escola Ulisses Cabral, na sede do município. Na segunda série, desistiu de prosseguir nos estudos, a fim de ocupar-se nos trabalhos da família.

Em 1992, com a professora Ana Lúcia Scopel, Juarez frequentou curso de violão.

5. TOCADOR DE VIOLÃO

Juarez foi sempre amante da música, sempre que podia, procurava ouvir música através da discoteca da família ou das emissoras de rádio.

Não raro, quando saía para o trabalho, levava o rádio no trator, para ouvir música.

Após frequentar o curso de violão, passou a cantar, ao som deste instrumento, um variado repertório de músicas, entre estas:

Asa Branca;

Galopeira;

Não aprendi a dizer adeus;

Desculpe, mas eu vou chorar;

Encosta tua cabecinha;

Madalena;

Utopia;

Beijo por Beijo;

Ilariê;

Meu cabelo;



Embolada.

Tocava e cantava, ainda, músicas italianas, como *il Veccio Trivelin*.

6. BRACO DIREITO DA FAMÍLIA

De acordo com declarações dos pais e irmãos, Juarez era o braço direito da família e da firma FRÚTIKAR TILLERS de Irineu Carra & Filhos. "Grande parte da boa situação da família – declara seu irmão Gilberto – deve-se ao Juarez".

Ele não media esforços para que o grande pomar de maçãs, o vinhedo, a criação, a comercialização dos produtos, o transporte, tudo progredisse.

Sua especialidade consistia no trabalho de manter as máquinas agrícolas em boa conservação. Quando surgia uma avaria num trator, num veículo, era o Juarez o mecânico que consertava com perfeição, como se tratasse de velho profissional.

Durante 15 dias esteve trabalhando num pomar de maçãs que num ano esteve sob os cuidados da família no município gaúcho de Bom Jesus.

Acompanhava os irmãos Jovelino e Gilberto em suas viagens de negócios em São Paulo, chegando, uma ocasião, a voltar de Santos dirigindo a possante carreta Scania da família.

Particular atenção prestava na criação de coelhos, para os quais fabricava as casinhas e providenciava a alimentação.

Aos domingos, dias santos e feriados, cumpria fielmente suas obrigações de bom cristão, participando ativamente do culto, da missa e do grupo de jovens da comunidade.

Participava de pescarias junto com outros companheiros, inclusive com o professor Nilton Simioni, a quem um dia presenteou com uma caixa de maçãs.



Durante a Exposição de Animais em Antônio Prado no ano de 1992, Juarez foi quem apresentou a novilha holandesa da família, que foi classificada em 4º lugar.

Nas horas de lazer, sentia-se muito à vontade jogando futebol, que foi, como todos sabem, a grande paixão deste jovem desde criança.

Excelente motorista, sonhava ser um dia senhor exclusivo de um possante caminhão, com o qual poderia correr o Brasil.

Um dia, como veremos, chegou a declarar para sua mãe: Eu serei o maior caminhoneiro do mundo. Meu nome aparecerá em jornais, revistas e livros...

Em suas viagens, levava sempre consigo o SALMO DO MOTORISTA, num folheto distribuído pela Agenda Fortuna, eis o Salmo:

*Feliz o homem que anda nos caminhos do bem,
que desvia a direção do conselho dos maus,
que encontra seu prazer no companheiro,
ele é como a rocha que não se abala.*

*Feliz do homem que estabelece contatos,
que encurta distâncias,
que faz circular as riquezas
que levam ao progresso.*

*Ele é como a primavera,
que anuncia a vida nova.
Feliz o homem que acredita no valor
do trabalho,
na força da união e da organização;
ele é como o elo da corrente,*



que dá segurança, firmeza e tranquilidade.

*Que ele encontre sempre boas estradas,
sempre retorne alegre para sua família,
receba a recompensa pelo seu trabalho
e tenha sempre a proteção e a bênção de Deus.*

Juarez e seu irmão Gilberto decoraram e declamavam o poema OUÇA-ME, publicado num folheto por gentileza do irmão Lassalista Adelino Ferranti e Indústria e Comércio de Esquadrias de Madeiras de Mantovani, Moschetta & Ltda, de Carlos Barbosa, RS. O poema é extenso e principia assim:

Eu amo. Amo-o muito. Você é muito importante para mim.

Você corre... Almoça, trabalha. Você passa e não vê.

Você grita, canta, chora, você para.

Você ama, sorri... você nunca me chama.

Você se entristece, agora se acalma e não me agradece.

Você caminha sobre escadas, desce escada e não se preocupa comigo.

Você tem tudo e não me dá nada.

Você sente dor, nojo, você sente amor; você sente tudo, menos a minha presença...

7. PROBLEMAS DE SAÚDE

Juarez era um rapaz forte, trabalhador incansável, esportista que jogava futebol com admirável disposição. Jogava com a equipe de sua comunidade. Com ela disputava partidas com equipes da cidade, da comunidade de São Roque, da comunidade de Santo Isidoro e outras.



Quem visse o Juarez no trabalho e no esporte, com todo aquele seu habitual vigor, não podia supor que ele sofria de alguma enfermidade.

D. Madalena, a mãe, confessa: Um ano e meio antes de sua morte, ele desmaiou na cama. O medico, Dr. Leonardo C. Teixeira, de Caxias do Sul, da clínica Nerológica e Neurocirúrgica – Eletrocefalografia, examinou com Eletro da cabeça e não descobriu problema algum.

Apenas receitou o comprimido Idantal, com o qual ele se sentiu bem, não sofrendo mais desmaio algum.

Fazia quinze dias - continua D. Madalena - que ele estava pálido e com manchas escuras ao redor dos olhos. Perguntei: O que você tem, Juarez? Respondeu: Nada, não sinto nada.

Uma semana antes de sua morte, ele declarou a sua namorada, Neila Dalla Costa, que tinha dor de cabeça.

Como se pode observar, Juarez encontrava-se a braços com um sério problema de saúde: O mal que se manifestava com dores na cabeça, culminando com desenlace fatal no dia 25 de abril de 1993, durante uma disputa de futebol.

8. ESTRANHOS PRENUNCIOS

D. Madalena declara que andava preocupada com o que poderia acontecer com seu filho, em virtude de estranhos sinais.

Dias antes da morte de Juarez, ela ouviu ruído do trator funcionando. O trator com que o filho costumava trabalhar. Achou estranho e saiu para verificar o que estava acontecendo. Nada. O trator estava lá parado, sem funcionar.

No dia seguinte, encontrando-se em casa, D. Madalena ouve pela segunda vez o mesmo estranho ruído do trator em funcionamento. Sai de casa e vai olhar, mas o trator encontra-se no mesmo lugar sem motorista algum. E logo o trator cessa de fazer ruído.

Agora, outro caso estranho. Um sonho, sexta-feira, à noite, dia 23 de abril, antevéspera do falecimento de Juarez, D. Madalena teve um



sonho preocupante. Viu uma estrada reta, cheia de flores brancas e, no meio uma cruz. Atrás, correndo, um jovem que lhe parecia o Juarez. Ele corria para agarrar a cruz. Depois de alcançá-la, abrindo os braços, gritou: graças a Deus. As flores foram desaparecendo aos poucos, assim como a cruz. Quando as flores e a cruz desapareceram, o jovem sumiu, deixando D. Madalena triste.

Marisete diz que há uns dois meses antes da morte do irmão, altas horas da noite, estava toda a família dormindo. D. Madalena não conseguia dormir. No momento em que ia ligar a luz para ir ao banheiro, ouve a campainha da porta tocar. Estranhamente, ela não conseguiu sair da cama nem para ir ao banheiro e verificar quem estava lá fora tocando a campainha. Em seguida, adormeceu.

Passado um mês, D. Madalena ouve outra vez a campainha da porta tocar. Tomando conhecimento do caso, Jovelino declarou que não podiam deixar o caso assim sem solução. Alguém deve estar fazendo estas "brincadeiras de mau gosto".

Uns 15 dias antes da morte do Juarez, a campainha toca pela terceira vez. Agora quem ouve e também a Valéria, a noiva do Gilberto. Nem ela nem D. Madalena levantam para verificar.

Diz Marisete: "Uma semana antes do Juarez partir, num sábado estava assistindo televisão, lá pelas 23h30min, quando, indo ao banheiro para escovar os dentes, ouço três batidas fortes na janela da sala. Voltei a assistir TV, um pouco assustada. Mas pense: que poderia ter sido impressão minha.

Ao levantar de manhã, mamãe perguntou-me porque eu bati tão forte a janela da sala à noite. Foi aí que me dei conta de que não era impressão minha e me perguntei porque não fui ver quem teria sido".

Marisete afirma ainda que só se lembraram destes estranhos casos sete meses depois da morte do Juarez.

Mais recentemente, surge um caso bem estranho com o menino Maurício Marin Scopel, filho de Francisco e Ivete Marin Scopel. Estavam eles acampados, num final de semana, ao lado do açude do sr. Valdir Marin, pai de Ivete.



Maurício brincava em frente ao chalé, quando, de repente, sua mãe o vê desligando-se de tudo e seguindo outro caminho em direção das árvores, ao redor do chalé. Logo o menino volta todo sorridente dizendo: Mãe, eu vi o Nino (apelido de Juarez). Não pode ser - responde a mãe. - Sim, mãe, eu vi sim lá atrás das árvores. Ele me abanou todo feliz. Eu vi, mãe. Ivete insiste: filho, o Juarez morreu. E Maurício: Eu vi, vi sim, mãe.

9. EM SANTO ISIDORO

Em 25 de abril de 1993 era um domingo esplêndido, constituindo convite sedutor para passeios e esportes. Sol, flores, perfumes, canto de pássaros, música, tudo convidava para uma festa inesquecível.

De tarde, Juarez, acompanhado da mãe e dos padrinhos de Batismo, vai à missa na igreja da comunidade de Nossa Senhora do Caravaggio. Durante a missa, comunga devotamente, tendo no colo uma criança, que não parava de beijá-lo.

Estava pronto para a maior de todas as festas. A festa de sua entrada triunfal na eternidade, onde a felicidade não tem fim. A entrada acontece de tarde num campo de futebol, onde as multidões deliram diante dos gols dos atletas.

Juarez era um apaixonado pelo futebol em que sempre se destacava na sua posição de atacante. E foi jogando futebol que ele entrou no céu, recebido triunfalmente como um herói imortal.

Jogando contra a equipe da comunidade de Santo Isidoro, Juarez, integrante do time de Nossa Senhora do Caravaggio, no intervalo da competição, estava calçando uma meia, quando, sentindo-se mal, pede ao companheiro Valdesir Marin que lhe de a mão. Em seguida, cai desmaiado.

E, assim, de calção e camiseta, uma meia, é transportado ao Hospital São José de Antônio Prado. O médico, Dr. César Luiz Pergher, achando o caso difícil de resolver, recusou-se de fornecer o atestado de óbito e o encaminhou a Caxias do Sul, onde o Dr. José Boeira, após preceder ao exame de necropsia, forneceu o seguinte atestado de óbito:



Acidente vascular cerebral-hemorrágico. Registro nº 1.077 em 27 de abril de 1993.

Lá mesmo em Caxias, o corpo foi depositado no ataúde da Funerária Anziliero, vestido de terno preto, camisa branca e gravata bege.

Para complemento de informações do trágico acontecimento, passamos a palavra ao seu companheiro Dr. Valdesir Marin, que forneceu o seguinte depoimento:

"No domingo eu me encontrava em frente de minha casa, quando fui convidado pelo Juarez a jogar com a turma. Saimos na camioneta eu, o Cleber Farolosso e o Jua.

Durante a viagem rumo de Santo Isidoro, a conversa girou em torno da camioneta, da recente viagem a Veranópolis e acerca de um trator, que seria um bom investimento.

Na chegada a Santo Isidoro, o Jua cumprimentou os amigos e fomos para o vestiário. Perguntei a ele se devíamos deixar a camioneta aberta com toda a roupa dentro. Respondeu: Aqui ninguém rouba, são todos italianos, gente boa. Nada irá faltar.

Começamos o jogo. Logo marquei um gol, tendo ao lado direito o Jua. Passados 30 minutos do primeiro tempo, o placar estava 2 X 1 para os locais.

O Jua parecia estar um pouco parado, coisas do cansaço físico pessoal. No intervalo ficamos um pouco tocando a bola. Depois eu sentei e o Jua deitou-se de bruços em minha frente, com a cabeça apoiada sobre as duas mãos. E falou:

- Piazada, vamos tocar mais a bola, mais força e união, que venceremos o jogo.

- Gostei, Nino - respondi. Senti firmeza com tuas palavras. Você joga na minha esquerda, mais perto de mim, que estou cansado.

- Então tá, Vande - respondeu.

Aí eu disse: - Vamos lá, levanta-te, Nino.



Quando começamos a levantá-lo, ele deu um respiro forte. Percebi uma cena de movimentos estranhos nele. Passou-me, então, pela cabeça algo semelhante de ter ouvido comentar uns sintomas iguais.

Não pensei duas vezes. Fui logo pedir água e chamei o Valcir Vedana e o Ivo Castro, que estavam mais próximos. Pedi que me ajudassem, pois o caso era de médico com urgência. Em dois minutos, estávamos saindo de carro, o Valcir ao volante. O Ivo segurava-o e eu fazia a medição do pulso e adicionava água em todo o seu corpo.

Ao chegar na cidade, o Nino amoleceu o corpo e o pulso parou. Eu disse aos amigos: O Nino nos abandonou.

A velocidade do carro aumentou. Falamos: Deixe de ser tolo, Nino. Agora não é hora de morrer. Você é muito novo ainda...

Em questão de sete minutos, estávamos no hospital. Entrei pedindo médico, enquanto a enfermeira, o Ivo e o Valcir retiravam o Nino do carro, colocando-o na mesa. A enfermeira examinou e declarou que nada restava a fazer.

Pedi que fizessem oxigenação, choque cardíaco... Mas a resposta foi a mesma. Ele tinha mesmo nos abandonado.

Para mim, o Juarez continua jogando..."

10. O FUNERAL

O dia 26 de abril de 1993 era uma segunda-feira esplêndida, - muito sol e temperatura agradável, fazendo com que muita gente de longe comparecesse para o soleníssimo funeral do jovem mais querido do município.

Por volta das nove horas da noite do dia 25, a Funerária Anziliero trazia de Caxias do Sul o ataúde com o corpo de Juarez, que foi exposto no interior da igreja para o velório. Durante toda a noite e todo o dia seguinte uma grande multidão de pessoas desfilou perante o féretro, rezando e chorando.



Para a missa de corpo presente, o número de pessoas era tão expressivo, que o cerimonial teve de ser realizado em praça pública, diante da igreja. Eram mais de três mil pessoas.

A missa foi concelebrada por dois sacerdotes amigos da família enlutada: Pe. Delvino Marin e Pe. Neri Jose Tondello. Este, filho da vizinha capela de São Roque, fora ordenado havia apenas nove dias. Durante a festa da ordenação, com enorme multidão de povo, Juarez servia a mesa.

O Pe. Neri Tondello, durante a missa de corpo presente, começou a falar; mas foi logo sufocado pelas lágrimas. Retirou-se do altar chorando, ficando o Pe. Delvino Marin para proferir a oração fúnebre, terminar a celebração da missa e proceder à encomendação.

Durante toda a cerimônia religiosa a equipe esportiva da comunidade local, de que Juarez fazia parte, prestou comovente despedida, havendo feito uso da palavra o Dr. Valdesir Marin, um dos maiores amigos do extinto.

A equipe compunha-se dos seguintes jogadores, todos colegas de Juarez: Valdesir Marin, Ivalino Castro, Ildo Castro, Júnior Marin, Valsir Vedana, Ivani Artuso, Normélio Costa, Vanderlei Marin, Daniel Volpato, Paulo Volpato, Juciano Sabedot, Jocimar Sabedot, Gilmar Bellé e Cleber Farolosso.

Todos vestidos de traje de esporte, com camiseta, calção, meias e chuteiras, formavam um círculo ao redor do ataúde.

A equipe de Liturgia da comunidade, com cânticos e preces, acompanhou todo o cerimonial e, a seguir a procissão até o cemitério, ao lado da igreja, onde Juarez foi sepultado, logo à entrada do campo santo, à direita, onde hoje um belo túmulo de alvenaria ostenta um lindo crucifixo de metal dourado. Coroas de flores e ramalhetes cobriram a sepultura.

11. CONDOLÊNCIAS

A família de Irineu Carra recebeu numerosas condolências por telefone e telegramas. Juarez, apesar de jovem, contava com uma boa roda de amizades. Esteve uma vez em Vacaria onde adquiriu para a



família um trator Valmet. A firma que vendeu o trator, Comércio de Tratores Stella, Rua Borges de Medeiros, 1031, enviou telegrama nestes termos: "Pela irreparável perda, nossos sinceros pêsames".

Laureano Fortuna, de Antônio Prado, enviou o seguinte telegrama: "A vida, às vezes, nos reserva surpresas que só conseguimos superar com muita fé. Unimos nossas preces nesta hora de dor".

Eliete Sarate de Campos, desde Cuiabá, onde trabalha com Leocir Marin, dono de um garimpo de ouro em Mato Grosso, telefonou enviando condolências à família.

O JORNAL PANORAMA PRADENSE de maio de 1993 publicou uma homenagem a Juarez Carra, nestes termos:

"Ele era nosso amigo, o amigo que todos queriam ter. Seu sorriso e alegria a todos contagiava. Mas aquela que parecia a mais rude das mentiras, na verdade era a mais fria realidade.

O cruel destino, sem avisar, tirou-lhe o que era de mais precioso – sua vida, levando-o para longe de todos nós; deixando-nos na solidão de sua amizade.

Você se foi, Juarez, mas sua mensagem jamais irá; jamais esqueceremos o grande amigo Jua. Adeus, Jua, até um dia. O dia em que iremos nos encontrar na luz de Deus.

Saudades de suas amigas Sandra Baldin e Sandra Zanella".

12. MARISETE CARRA - IRMÃ.

Marisete Carra, única irmã de Juarez, nasceu no dia 6 de março de 1973. Fez seus primeiros estudos na Escola Municipal Euclides da Cunha, na Linha Almeida, onde concluiu a 5ª série. Concluiu a 6ª série na Escola Estadual Padre Pacífico em Vacaria. Cursou a 7ª e 8ª séries na Escola Estadual de Santana. A seguir, na cidade de Antônio Prado, cursou a 1ª e 2ª série do 2º Grau na Escola Estadual Ulisses Cabral; concluindo o segundo grau na Escola Cenecista.



Jovem inteligente, extremamente dedicada à família, ao trabalho, faz parte da equipe de Liturgia da comunidade local e da equipe central da cidade. Tinha especial predileção pelo irmão Juarez, que, no dia seguinte após a morte, a honrou com duas aparições, conforme ela mesma declara no seguinte depoimento que prestou ao autor.

“Na véspera da sua morte. Na sexta-feira antes de sua morte – escreve Marisete - o Jua estava trabalhando próximo ao pomar de maçãs, colhendo milho junto com minha mãe, com quem conversava sobre vários assuntos, para, afinal declarar que iria viajar.

Declarou que se transformaria no melhor motorista do mundo. Todos iriam conhecê-lo, pois, pela sua habilidade e força o fariam um herói...

Acrescentou que sua volta se prolongaria e que todos lamentariam com saudade a sua ausência, chegando a afirmar que seu nome iria aparecer em jornais, livros e revistas.

A seguir, mudou de assunto e continuou a trabalhar até o final do dia.

No sábado pela manhã, papai estava lavrando a terra no lado debaixo da nossa casa. Ao meio-dia, parou de trabalhar e veio almoçar. Ao entrar em casa, pediu ao Juarez que, após o almoço, fosse concluir o serviço por ele interrompido. Meu irmão concluiu o serviço.

Depois, ficando livre, como era fim de semana, dirigiu-se para a cancha de futebol da capela, bem perto de casa, a fim de ajudar os amigos na reforma do campo. Lá encontrou os companheiros, que o esperavam ansiosos, a fim de combinarem, principalmente o jogo de domingo.

Naquele momento, alguns colegas estavam arrumando os postes de iluminação da cancha. Juarez recomendou que tomassem cuidado para não caírem, pois não seria nada agradável ir ao velório de um companheiro na igreja no domingo...

Impressionante! Incrível! Pois, domingo, na Igreja, naquela igreja havia um velório. Mas o velório era dele, meu irmão, o Juarez!...

As horas foram passando. Começou a escurecer. E o Jua, depois de um pequeno bate-bola com amigos, voltou para casa.



Chegou em casa por volta das nove horas da noite. Tomou banho e sentou a mesa, para tomar café, como é costume aos sábados à noite.

Antes disso, durante a semana, eu e ele tínhamos combinado de ir ao baile no Borgo Forte, que fica perto de casa. Ele esclareceu que não iria, porque estava um pouco cansado. Eu também, como não estava lá com muita vontade não insisti.

Então convidou-me para jogar um dominó com ele e depois iríamos dormir. No domingo de manhã, levantou cedo e logo foi para a cancha a fim de concluir os reparos e, sem dúvida, para mais um bate-bola com os amigos.

Lá pela hora do almoço, vinha ele chegando a pé com seu amigo Ivalino Castro. Eu estava sentada debaixo de uma árvore diante da casa, quando ouvi o Juarez dizer: De tarde passo na tua casa para irmos ao jogo, mas só depois da missa.

Entramos em casa para o almoço. O Jua nunca foi de almoçar e permanecer no lugar esperando a sobremesa. Sempre comia a depois e, por vezes, nem comia.

A seguir, ficou conversando um pouco sobre negócios que queriam fazer, como trocar o carro ou comprar outro caminhão. Depois saiu para tirar a camioneta da garagem. Deixou-a ao sol em frente da casa. Ligou o rádio com volume um pouco alto. E deitou no assento do carro, com a porta semiaberta e dormiu.

Acordou por volta das duas horas. Eu estava ali na calçada da casa com uma amiga, a Susana Marin. Ele aproximou-se e principiou a conversar com ela. A seguir, eu entrei para mudar de roupa e a mãe entrou a conversar com ambos. Não sei o que falaram. Mas, entre umas palavras e outras, ouviam-se risos. Depois sai e fomos, eu e a Susana, preparar a missa, que teria lugar nossa capela.

Quase na hora da missa, mamãe conta que ele tomou banho, arrumou-se e na hora de sair pegou na mão da mãe e disse: Vamos mãe, vamos juntos.

Em caminho para a igreja, mamãe e o Juarez se encontraram com o Félix Vedana, que é padrinho de batismo do Jua. Ao aproximar-se da



igreja, disse: Que maravilha, mãe! Eu ir à missa acompanhado de minha mãe e de meu padrinho! Que Bom! Nunca aconteceu isso. E abraçando a mãe, ele ia feliz para a missa.

Durante a missa, ele ficou o tempo todo com uma menina de dois anos no colo, que não parava de o beijar. Com a criança no colo, foi comungar. Aquela seria sua última comunhão. O seu viático...

Na saída da missa, ele chegou para mim e disse: Mari, vamos comigo jogar futebol no Santo Isidoro? Para fazer torcida... Mas eu, como seria a única mulher entre 17 rapazes, disse que não iria. Ele insistiu: Vamos, você vai estar comigo lá. Que queria você junto, vamos... Mas eu respondi que não iria. Então ele disse: Nós vamos, e convidou os amigos para irem até nossa casa, de casa saíram juntos de camioneta.

Ficaram dois: o Valsir Vedana e o Gilmar Bellé, eles insistiram para que eu fosse com eles, mas algo me dizia que era melhor eu ficar. Aí eles saíram e eu fui para casa.

Lá pelas cinco horas da tarde, o telefone tocou. Eu fui atender. Era uma moça que queria falar com o Gilberto. Perguntei: de onde e quem. Ela respondeu: É do hospital... Aí fiquei aflita e perguntei: que e que aconteceu com o Jua? Como esta ele? Fiz várias vezes esta pergunta sem ela nada responder, insistindo que desejava falar com o Gilberto...

Saí da sala correndo para o quarto a chamar o mano, gritando: O Jua o Jua, Gilberto, ele está no hospital...

A moça não disse nada; só pediu que todos fossem ao hospital. Fui logo chamar o pai, que estava jogando cartas com os amigos no salão da igreja. Quando falei ao pai, ele respondeu que não gostava que o Jua jogasse futebol, querendo se explicar. Eu insisti que ele viesse para casa. Insisti várias vezes. Ele respondeu que iria depois.

Eu saí com uma dor no peito, a ponto de chegar quase a perder os sentidos. O Gilberto, sua noiva, junto com a mãe, saíram às pressas rumo ao hospital. Eu e o Leandro ficamos.

...Logo chegou o pai. Ele reclamou por não o terel11 esperado. E logo foi ao telefone, muito nervoso. Ligou para o hospital. A mamãe e o



Gilberto ainda não tinham chegado lá. O médico atendeu e deu a trágica notícia: Seu filho Juarez faleceu...

Imaginem o nosso desespero! Gritos. Choro...

Logo muitas pessoas ficaram sabendo. A nossa casa se encheu de gente. Eu liguei para a namorada do Jua. Eu estava desesperada, mas não tive coragem de contar a ela que o Jua tinha nos abandonado. Só pedi que viesse para cá, pois o Jua estava muito mal. Ela começou a chorar e eu também. Então o patrão dela, o sr. Mário Corso, pegou o telefone e eu contei o que tinha acontecido. E sem que a Neila ficasse sabendo o que acontecera, saíram de Caxias do Sul desesperados, rumo de Antônio Prado.

A *morte*. Chegando em Antônio Prado, o patrão da Neila perguntou: Está preparada para o que der e vier? Ela me contou que nada entendeu.

No hospital havia muita gente. Na porta esta vil uma tia da Neila, esperando-a. Abraçaram-se, ela perguntou: Como está ele? A tia respondeu: Ele não está... Eram indescritíveis os gritos de desespero da pobre menina.

O Jua foi levado a Caxias para a necrópsia, enquanto toda a família estava naquele desespero, eu só pedia a Deus e a Nossa Senhora do Caravaggio que ajudassem a todos, especialmente minha mãe. Que ela fosse forte para resistir diante de tão cruel realidade.

Muitos telefonemas, enquanto aqui em casa esperávamos a volta do Jua de Caxias. O corpo chegou às 10,30 da noite e foi colocado na igreja para o velório.

As lágrimas de despedida. Minha tia Zélia Carra contou-me um fato que merece registro. Quando o nosso querido defunto chegava na igreja, havia lá muitas pessoas esperando.

Abriram o caixão e lá estava meu mano com a cabeça toda enfaixada. Naquele momento, eu não me lembro mais onde estava. Mas a Neila entrou na igreja gritando: Jua, fala comigo, não me deixe só...

Neste instante, a tia Zélia, que estava bem perto do caixão, viu nascerem duas lágrimas de cada um dos olhos dele, até chegar a faixa que estava amarrada em seu rosto e desapareceu.



A tia afirma que mais gente viu, além dela, da Celita Costa Barison e Maria Colossi Carra. Todas as pessoas que viram o Jua chorando, também começaram a chorar, diante de um fato surpreendente e impressionante.

Outro fato espantoso aconteceu comigo depois de sua morte. No dia seguinte, à noite, estávamos eu e a Neila dormindo no mesmo quarto. Altas horas da noite, eu acordo assustada e vejo na minha frente o Juarez, com a mesma roupa com que fora vestido no dia do enterro. Estava de pé, com as mãos juntas em sua frente, orando e olhando para nós duas deitadas...

Então, eu sentei na cama; quando ia falar com ele, desapareceu lentamente. Levantei-me. Acendi a luz para vê-lo, sem o conseguir. Levantei, fui ao banheiro. Ao sair do banheiro, dou por acaso, no corredor da casa, com o chinelo que o Jua usava. Chamei a Neila e começamos a chorar. Não contei a ninguém que eu havia visto o Jua...

No outro dia à noite, novo fato impressionante, eu estava só no quarto e não conseguia dormir. A Neila tinha volta do para sua casa. De repente, outra visão surgiu no meu quarto, em meio a intenso clarão, que logo desapareceu. Acendi a luz e não vi mais nada...

Só sei que rezei muito e continuo rezando. Que teria sido? Talvez o medo, sei lá. Nunca tinha acontecido algo semelhante. A falta dele, por vezes, me invade, e eu fico sem saber o que dizer, parada, sem palavras para formular alguma pergunta.

Tenho rezado muito para que ele me ajude. E eu sei que ele esta me ajudando muito, sempre que preciso.

Ele ajudou a Neila também. Ela precisou muito dele e, sem dúvida, consegui. Isso ela é quem me conta. Só temos que agradecer e muito..."

13. JOVELINO CARRA - IRMÃO MAIS VELHO

Primogênito de Irineu e Madalena Costa Carra, Jovelino nasceu em 20 de março de 1968. Após concluir a 8ª série do primeiro grau, matriculou-se no curso técnico de contabilidade na Escola Ulisses Cabral



na cidade, curso que suspendeu para trabalhar como motorista de caminhão da empresa da família.

No dia 9 de maio de 1992, contraiu matrimônio com Inelve Vedana, filha de Elizário Vedana (+2-4-91), em cuja casa passou a residir. Caminhoneiro habilidoso e incansável, percorre o Brasil ao volante de uma possante carreta Scania.

Convidado para fornecer suas impressões acerca do irmão Juarez, desculpou-se, declarando que não se sentia com coragem de recordar lembranças tão tristes. Em vista disso, sua irmã Marisete, fala em seu lugar.

"Sei pouco - diz ela - do relacionamento dos dois, mas os momentos que passei com eles são inesquecíveis. Quando o Juarez era ainda bebê, o Gilberto cuidava dele e de mim.

Eu e o Jua tínhamos algo em comum, talvez pelo fato de não ter eu uma irmã ou amiga para brincar ou pela pouca diferença de idade. Vivíamos juntos, como faltassem outras crianças, surgiam briguinhas momentâneas entre nós. Assim, fomos sempre bons amigos. Fui crescendo e saí para estudar e trabalhar.

Voltando em fim de semana, eu notava que o Jovelino e o Jua haviam-se tornado grandes amigos. O Jua cresceu rapidamente e tornou-se forte, a ponto de poder atracar-se em luta livre com o irmão mais velho. Lutas de mocinho, imitando os heróis de TV. Briguinhas de brincadeira. Quando cansavam, um jogava água no outro, para se refrescarem e, a seguir, reassumir a luta, na qual o Jua era sempre o vencedor, proclamado o herói.

Depois que o Jovelino principiou o trabalho de caminhoneiro, na volta dele, ambos encontravam um tempinho para suas lutas de mocinhos. Isso continuou até que o Jua partiu. O Jovelino gostava de emprestar-lhe o caminhão para dar suas voltas, namorar. A vontade de Juarez de viajar era grande, e Jovelino sentia prazer em emprestar-lhe o caminhão".

Gilberto diz que o Jovelino, passando por Aparecida, adquiriu uma imagem da Padroeira do Brasil, imagem que sempre o acompanha dentro do caminhão e que, um dia, o salvou de um acidente.



14.GILBERTO CARRA - IRMAO

Segundo filho de Irineu e Madalena Costa Carra, Gilberto nasceu no dia 6 de janeiro de 1970. Concluiu seus estudos primários na Escola Municipal Euclides da Cunha para, em seguida cursar, na cidade de Antônio Prado, a Escola de Contabilidade, havendo concluído o Curso Técnico de Contabilidade com nota 8,9 no dia 16 de dezembro de 1988, diplomado pelo diretor, professor Luiz Carlos Vieira Boeno, e secretária, professora Tânia Maria Zanotto Schiochet.

No dia 27 de abril de 1990, em Caxias do Sul, concluiu curso de Dicção e Desinibição, obtendo certificado conferido pela Diretora da Escola, professora Annita Varisco Biazus.

Em 8-5-1991, após curso rápido, obteve certificado de Parapsicologia, conferido pelo professor Jorge Luiz Brand, num programa de Educação de Jovens e Adultos, sob a coordenação da professora Ivete Castanha Miccheletto, sendo chefe do órgão promotor a professora Marta Zambianco Grazziotin.

Rapaz inteligente, criativo e dinâmico, Gilberto, após trabalhar com a família no cultivo de maçãs e de uvas, transportando produtos com caminhões, resolveu partir para uma aventura, que lhe trouxe muita sorte para si e toda a família.

Com licença do pai, rumou para o centro do Brasil, em Mato Grosso, onde passou a trabalhar como distribuidor de vinhos do empresário Bruzamarello. Após alguns meses, foi para Santos, onde entabulou a comercialização das maçãs da família com a Casa de Frutas Ulian, de João Luiz Ulian, forte empresário, dono de três fazendas, dois sítios, casas e apartamentos, sendo o maior distribuidor de frutas de toda a Baixada Santista, comercializando em torno de dois milhões e 40 mil toneladas ano de frutas.

Após dois anos em Santos, associado com João Luiz Zulian, Gilberto retornou para junto da família, com a qual surgiu a empresa FRUTIKAR TILLERS. Trabalhando em Santos, Gilberto realizou excelentes negócios com a comercialização de maçãs, que o irmão Jovelino transportava em caminhões. Com isso, a empresa de Irineu Carra e filhos inaugurou o intercâmbio de frutas entre Antônio Prado e São



Paulo. Entre os amigos que fez em Santos, destaca-se o juiz de futebol Arnaldo César Coelho, com quem, por vezes, almoçava.

Acerca do Juarez, Gilberto prestou ao autor o seguinte depoimento: "Jua, nós, irmãos e pais, sempre tivemos você na mais alta estima. Gostávamos de você pelo seu jeito de ser, pelo seu sorriso, pelo encanto de pessoa maravilhosa que sempre foi.

Agora, mais do que nunca sei o porquê de tudo o que aconteceu. Você não era deste mundo. Você, em tão pouco tempo, tinha cumprido sua missão na terra. A sua missão de tornar a todos felizes, com seu sorriso, com sua admirável disposição, com sua palavra segura, desde os sete anos. Sempre trabalhando na conquista de suas virtudes, dando força a todos nós. Sempre disposto a estender a mão a todos nós. Sempre disposto a estender a mão a todos, desde criança já com hábito de gente grande.

Como você lutou, Juarez, com apenas oito anos, montado na mula, lavrando roças e mais rochas, chegando a criar bolhas neste serviço pesado. Você foi admirável, Jua na colaboração do nosso pai, que, com otimismo lutava pelo bem da família, na luta pelo progresso, com esforço e dedicação, ao lado da mãe, outra heroína na condução dos serviços domésticos, trabalhadora incansável, sem medo, sempre sem medir esforços, tendo um enorme cuidado para todos os filhos.

Os nossos pais, Jua, quando chegaram aqui nesta morada simples de hoje, não tinham casa sequer. Tinham apenas cabeça boa e braços para o trabalho, sem conhecer descanso.

Você, Juarez, contribuiu na construção e na conquista de tudo quanto a família possui atualmente. Você colaborou incansavelmente até o último dia.

Você tinha sonhos esplêndidos, ideias e ilusões. Um sonho de você, Jua, era de em breve tomar-se dono de um caminhão, para viajar por todo o Brasil. Trabalhar sem parar, até construir uma casa para morar com sua futura esposa, aquela que já era sua namorada.



Sempre que você ia para qualquer lugar, você conquistava logo grandes amizades, desde o Rio Grande do Sul até São Paulo, mais precisamente na Baixada Santista, onde vendíamos frutas em geral. Ali você fez grandes amizades, graças ao seu sorriso encantador, graças à vontade de trabalhar, sempre como pessoa honesta e conquistadora...

Não posso esquecer daquela viagem para São Paulo em 1991. Faltavam ainda 25 quilômetros para você e o Jovelino chegarem ao destino, quando o motor do caminhão se avariou. Enquanto Jovelino foi em busca de socorro junto à Estação da Polícia Rodoviária, você permaneceu sozinho, enfrentando todos os impulsos do medo de vir a ser assaltado e, quem sabe, ser morto por alguma gangue tão comum nestas estradas.

Você disse então, Juarez: Nem esta viagem me fez desistir da vontade de ser motorista e rodar este Brasil.

Da Praça Iguatemi Martins, em Santos, ninguém esquece a sua partida. Eu mesmo não esqueço, sabendo que você continua aqui entre nós ajudando com o brilho de seus olhos e sorriso de seus lábios, junto com a força de seus braços possantes. Juarez, saiba que eu te amo. Faça este desabafo em pranto...

Você, desde criança, adorou criar coelhos, construir suas casinhas para bem acomodá-los, protegendo-os do perigo, dos cachorros famintos.

Na lavoura, você se dedicava em tudo: videiras, pomar de maçãs, sempre executando com carinho serviços manuais e mecanizados, como pulverizar o pomar, as vinhas e as plantas em geral. Sempre na luta.

Você, Juarez, todos sabem, foi sempre ótimo mecânico. Excelente motorista de carros e motos, assim como camionetas e caminhões grandes e pequenos. Máquinas agrícolas que por vezes quebravam, aqui de casa e das vizinhanças, quem as consertava era você embora nunca tivesse frequentado algum curso. Você montava e desmontava qualquer máquina, qualquer carro, qualquer bicicleta.

Na Capela de Nossa Senhora do Caravaggio, você, Jua, sempre se dedicou, participando na igreja do grupo de jovens, reuniões, sempre formando amigos... Assim como acontecia em muitas cidades, sobretudo em Santos, onde eu trabalhei no Mercado na venda de frutas na Praça Iguatemi Martins..."



15. A MISSA DE 7º DIA

A missa de 7º dia do passamento de Juarez Carra teve lugar na igreja de Nossa Senhora do Caravaggio, celebrada pelo vigário paroquial, Pe. Neri José Tondello, que proferiu comovente oração arrancando lágrimas de quase toda a multidão, que lotava completamente o templo.

No final da missa, a irmã de Juarez, Marisete Carra, assim como fizera para sua querida amiguinha Roseli Artuso, proferiu estas palavras:

"Juarez, faz sete dias que partiste. O brilho de tua presença já não existe. Em seu lugar, em nossos corações e em nossas vidas, reina profunda escuridão. Entretanto, o perfume de ti e de tuas coisas perdura no teu quarto. Mas a tua voz, suave e quente, já não alegra mais nosso lar.

Aprendemos, nos teus irmãos e teus pais, aprendemos a sentir na alma o sentido da vida, encontrando a fatalidade em nossos caminhos, perdendo um irmão e um filho na flor da idade, um filho querido, cheio de vida, amante do trabalho, amante da virtude, dos esportes, amigo de todos. Aprendemos que esta dor da separação é nossa e intransferível.

Aprendemos que perder um irmão e um filho é como achar a morte, que é a forma da dor, da desgraça mais devastadora para quem ama realmente um irmão e um filho.

E quase nos acostumamos na solidão de tua ausência, vivendo de tristeza e de saudade, das lembranças de um passado feliz.

E aprendemos, com o peso esmagador, que não somos donos de nossas vidas. Não somos donos de nossos irmãos e de nossos filhos que a vida nos confiou.

E, assim, perdemos o apego às coisas materiais, porque elas são tão superficiais e vazias, que nem sequer sobrevivem ao nosso ideal.

E chegamos a desejar que, de alguma forma, nos fosse tirada a memória e com isso pudéssemos esquecer a nossa tragédia, já que nada mais pode ser feito, a não ser sofrer a tua ausência, Juarez, e a lembrança de tua curta convivência.



Sabemos que estás vivo e feliz. Já tivemos provas disto. E mesmo, em meio a tanta saudade e desolação, sempre conseguimos manter acesa a chama de nossa fé em Deus e de seus inexplicáveis desígnios, fé alimentada também pela solidariedade de tantos amigos, que nos consolam e procuram nos compreender.

Entendemos, Juarez, que você partiu tão cedo, porque em pouco tempo, você cumpriu sua bela missão na terra. A missão de amar e de fazer amigos. Neste sentido, a nossa fé nos manterá vivos até o dia do reencontro."

16. MISSA DE 30º DIA

Na missa de 30º dia de falecimento de Juarez Carra, celebrada na igreja de Nossa Senhora do Caravaggio, pelo Pe. Neri Jose Tondello, vigário paroquial, Marisete Carra pronunciou estas palavras:

"O tempo passou e continuamos sem você, Jua. Quanto tempo, meu Deus! Quanto desespero, quantas lágrimas, sem nenhum sinal. Será que tudo foi em vão? Não, nossas manifestações de dor, Jua, são simples protestos pela sua inesperada partida, sem um sinal de adeus, deixando nossos corações partidos, doídos de tanto sofrimento.

Jua: nós sabemos que estás ao lado de Jesus, intercedendo por nós, para, aos poucos, apagar esta triste lembrança, para nos fazer viver novamente sem angústia, sem rancores, pela tua partida.

Jua, jamais esqueceremos do que você foi aqui, do que você plantou aqui para colher no futuro. Temos certeza de que agora estás colhendo os bons frutos da plantação que deve ser farta e intensa. Pois, teu amor, teu carisma, tua dedicação, disposição, solidariedade e tua vida, foram fatores que contribuíram imensamente para chegar onde estás, ao lado de Jesus. Este é o lugar que você escolheu para ser o servo do Senhor.

O tempo passou. Já faz um mês que partiste. Sentimos profundamente a tua falta, porque ninguém preencherá o teu lugar que continua vago em nossos corações, a espera de que um dia este amor seja saciado.



Temos certeza de que este dia nos pegará de surpresa, despercebidos; mas nos encontraremos, e então não haverá mais angústia, mas apenas o abraço da saudade do tempo em que ficamos sem nos ver...

Os dias passam tão depressa, que não tardará o nosso encontro. Enquanto isso, sabemos que você está preparando para nós um lugar maravilhoso como o seu.

E hoje, após trinta dias de sofrimento pela lembrança de tua partida, Deus que segura nas mãos a razão de tudo, nos dará a chave que nos fará ver um sentido em todos os inexplicáveis sofrimentos.

Jua, para você esta mensagem dos pais, irmãos, cunhada e namorada, que não conseguem te esquecer. E as saudades dos amigos..."

17. IRINEU - O PAI

Irineu Carra, filho de Atílio, neto de Lamberto e bisneto do imigrante Benedetto Carra, nasceu no dia 26 de dezembro de 1945, localidade de Linha Almeida, capela de Nossa Senhora do Caravaggio. Fez seus estudos primários nas escolas municipais de Santana, com os professores: Cecílio, Laurindo Vanzin e Firmino Tondello, mais Amábile Appio, na Escola de São José.

Casado com Madalena Costa Carra, tem os filhos: Jovelino, Gilberto, Marisete, Juarez e Leandro. Depois de residir com os pais em Santana, o casal passou a morar na comunidade do Caravaggio, onde ainda reside. Junto com os filhos, Irineu ocupa-se da lida agrícola, com viticultura, pomar de maçãs e pêssegos, suinicultura, avicultura e transporte, seno sócio da Cooperativa Agropecuária Pradense.

Seus irmãos: Armindo, casado com Hortência Servalin, tiveram 12 filhos, estando vivos em 1994 apenas sete. Amábile, casada com Santo Caríssimi, tem cinco filhos. Edevilda, casada com Luiz Bernardi, tem cinco filhos vivos e um falecido. Anselmo faleceu deixando 4 filhos. Pedro casado, tem dois filhos. Olinda, casada com Dorvalino Servalin, tem cinco filhos. Virgínia, casada com Evaristo Martello tem cinco filhos. Lourdes, casada com Olinto Ghinzelli, tem cinco filhos.



Irineu foi e continua sendo um dos mais responsáveis pelo bom andamento da comunidade de Caravaggio, como presidente e tesoureiro da sociedade. Inteligente de notável senso prático, acumulou com os filhos um belo patrimônio, gozando da estima da população do município. Ao lado de sua extraordinária esposa, criou e educou seus filhos dando-lhes excelente formação cultural e religiosa, merecendo, com isso, tornar-se pai de um jovem candidato ao altar.

18. MADALENA COSTA CARRA - A MÃE

Filha de Jose Pedro Costa e neta do imigrante italiano Domingos Costa, nasceu em Santana, no dia 12 de abril de 1943. Sua mãe, Dosalina Fiabani Costa, faleceu no dia 1º de novembro de 1988. O pai, nascido em 1911, faleceu no dia 4 de julho de 1934.

Madalena fez seus estudos primários na escola municipal de Santana, tendo como professoras: Maria Eva Fantin e Olivia Camatti Costa, que viria a ser sua cunhada. D. Madalena foi sempre e continua sendo catequista, tendo entre seus alunos o referido professor Avelino Caon Camatti.

Pessoa elegante, D. Madalena continua sendo mãe carinhosa e dona de casa de notável atividade, sempre ocupada com a educação dos filhos, afazeres domésticos e lidando com a criação de vacas leiteiras, aves, suínos e coelhos. E ainda consegue auxiliar a família nas lidas do pomar e do vinhedo.

Tem 11 irmãos: Teresa, Oliva, Rovílio, Severino, Geraldo, Santo, Claudino, Celita, Maria, Luiz Cristiano e Dionísio.

Teresa, casou com José Viapiana, residente em Curitiba; filhos: Norma, professora em Toledo, PR, casada com Odir Golfeto; Valter, radialista em Curitiba; Sergio, médico veterinário; Juvelino, odontólogo; Paulino, jornalista em Curitiba, ex-diretor da sucursal da revista VEJA em Brasília; Rosalina, casada com Auri Labonde; Adair, Carlos e Salete, estudantes universitários.

Oliva, casada com Luiz Viapiana, agropecuarista em Capanema, Paraná, tem 10 filhos. Rovílio, casado com Olivia Camatti, forte



agropecuária no Oeste do Paraná, nos municípios de Medianeira e São Miguel do Iguçu; nove filhos: Inês, casada com Pedro Biassi, agropecuarista em Medianeira, PR, filhos: Claudir, José, Adjalme Luiz e Marinês; Sérgio, agropecuarista no oeste paranaense, casado com Santina Rosso, filhos: Cesar Augusto e Maria Elizabeth; Luiza, casada com Pedro Paulos, tem as filhas: Roselaine, Pricila e Franciele; Helena, casada com Inácio Wernke, agropecuarista e avicultor, filhos: João Célio e Ivan; Teresinha casou com Nereu Viapiana, agropecuarista em Medianeira, PR, tem as filhas: Caroline e Elisamare; José e Jorge Pedro, solteiros, residem com os pais. D. Oliva e ministra da Eucaristia.

Severino, casado com Dejanira Vanzin, reside em Vacaria, RS, tem nove filhos, sendo a Janete diplomada em Letras e Direito. Geraldo, casado com Lídia Chiarello, agropecuarista no oeste do Paraná, tem os filhos: Celso, ministro da Eucaristia, casado com Onilde Girardi (f. Fernando); Janete, ministra da Eucaristia, casada com Edson Nheurer (f. Taiana); Jair e Bernadete, solteiros.

Santo, casado com Clari Carra, tem os filhos; Normélio e Marcos, estudantes. Claudino, casado com Norma Balen, tem os filhos: Rosane e Laureano. Celita, casada com Luiz Barizon, tem o filho Gentil. Luiz Cristiano, casado com Odila Chiarello, tem os filhos: Deonir, Hilário, Ivalino, Odair, Silva, Noel e Darci. Dionísio, casado com Neusa, e caminhoneiro, reside em Rondônia e tem dois filhos.

D. Madalena, mulher de virtudes patriarcais, soube criar e educar seus filhos no santo temor de Deus, merecendo, por isso, ser mãe de um jovem candidato ao altar.

Diz ela que Juarez dava-lhe admiráveis conselhos. Um dia, ouvindo a mãe queixando-se de críticas de certas pessoas, disse-lhe Juarez: Mãe, não podemos julgar os outros. Quem julga é Deus...

Declara D. Madalena que Juarez era muito afetivo e apegado a ela. Todas as manhãs, antes de partir para o trabalho, ele pedia: Mãe, eu quero um beijo... Se a mãe não me der um beijo, não vou trabalhar... Depois de receber o beijo, levantava-se, todo contente, dizendo: que bom, a mãe me deu um beijo. Agora posso ir trabalhar.



D. Madalena conta, ainda, que Juarez lhe declarou um dia que iria empreender uma longa viagem. Voltaria trazendo um lindo presente para ela. E, com isso, ela ficaria muito contente...

Leandro Carra - caçula da família, nasceu em 20 de julho de 1982, oito anos após o nascimento de Juarez.

Leandro, além de estudar parte do dia, gosta de ajudar os pais e irmãos na lida da casa e da empresa. Rapaz inteligente e bem comportado, constitui a alegria da casa, assim como dos colegas da escola e da comunidade.

Grande amigo de todos, teve desde pequeno afeição especial para o Juarez, cuja partida surpreendente, prematura, o magoou profundamente.

Assim como fazem os pais e irmãos, Leandro também reza pedindo proteção ao irmão que está no céu, intercedendo por toda a família, por toda a comunidade, por todos tantos amigos e admiradores. Para todos quantos invocam a sua intercessão junto do Senhor.

19. FRUTIKAR TILLERS

Irineu Carra e Madalena Costa Carra contraíram matrimônio no dia 12 de novembro de 1966, passando a morar com os pais de Irineu em Santana, durante seis anos, quando adquiriram a propriedade, onde hoje residem, nas proximidades da capela de Nossa Senhora do Caravaggio.

Apesar de enormes dificuldades de ordem financeira e econômica, com ajuda dos filhos, o casal, trabalhando incansavelmente, foi construindo o invejável patrimônio que atualmente a família desfruta e para o qual muito colaborou o filho Juarez.

A princípio construíram uma casa confortável, de madeira, hoje ocupada pelo empregado Danilo Ferri e sua família. A seguir, com financiamento, levantaram a vasta e bela moradia atual, cercada de galpões, estrebarias, chiqueiro de alvenaria...

Num terreno de 22 hectares, a família implantou um vinhedo abrangendo um hectare e meio, que produz anualmente cerca de 30 mil quilos de uvas; e um enorme pomar de macieiras com quatro mil pés, cuja



produção, em 1993, ultrapassou 100 toneladas. Recentemente, foram plantados 500 pés de pessegueiros. Mais 1.800 pés de macieiras em terreno arrendado de Osvaldo Carra.

No ano de 1992, a família tomou conta do pomar do Dr. Felisbino Lisboa, em Bom Jesus. Aqui Juarez trabalhou durante 15 dias, fazendo numerosas amizades.

Para comercialização de seus produtos, a família fundou a empresa FRUTIKAR TILLERS de Irineu Carra & Filhos. O filho Gilberto, durante mais de dois anos, associado à Casa das Frutas Ulian em Santos, entabulou excelente negócio para colocação de toda a sua produção, transportada em caminhões, entre os quais uma possante carreta SCANIA, tendo ao volante o filho Jovelino.

Para tocar adiante esta modelar organização agrícola e comercial, a família dispõe de vários tratores, camioneta e automóvel.

A família dedica-se, ainda, a criação de gado leiteiro, suíno e de frango. Uma novilha da raça holandesa mereceu premiação na exposição do município em 1992.

A bela propriedade da família desfruta de uma posição invejável, junto a um cruzamento de estradas, a pequena distância da igreja da comunidade. Do alto do pomar, descortina-se ridente panorama, sublimado pelo espelho do açude da família Marin. Açude ocupando quatro hectares, onde inclusive se encontrava o campo de esportes em que Juarez jogava futebol todas as semanas.

Em janeiro de 1994, a família construiu um enorme pavilhão de 40 metros, abrangendo 40 x 12 metros de área. O pavilhão destina-se a embalagem de maçãs e confinamento fora de safra.

Neste mesmo mês de janeiro, a empresa Frutikar Tillers iniciava a comercialização da maçã e da uva, no Rio Grande do Sul e em outros Estados.

20. VALERIA GAZZOLA - NOIVA DE GILBERTO

Valéria Gazzola, filha de Almir Jose Gazzola e Virginia Cavassola Gazzola, noiva de Gilberto Carra, conforme declaração de D. Madalena,



era uma das grandes amigas de Juarez. Queriam-se tanto bem, como se fossem irmãos. Com a morte de Juarez, Valéria ficou muito abalada, tão abalada que chegou a baixar ao hospital. Acerca deste seu inesquecível amigo, Valéria prestou o seguinte depoimento:

"Jua, no dia em que conheci você, senti logo uma profunda amizade e passei logo a considerá-lo como irmão. Foi tão pouco o tempo em que convivi com você, Jua! Foram apenas dois anos e dois meses. Nunca mais esquecerei a agradável convivência nesta temporada. Passamos tantos dias em que a gente se divertia, curtindo momentos de alegria e felicidade...

Quando eu ia lá na sua casa, que é a mesma casa do meu namorado, você logo vinha ao meu encontro e me dava um beijo. Hoje sinto tanta falta daquele teu beijo, que tento substituí-lo pelos beijos de seus irmãos e pais, mas é difícil.

Jua, naquele dia em que você foi para junto de Deus, eu estava na sua casa. Estávamos eu e seu irmão Gilberto, o meu amor. Estávamos na sala conversando. Você foi tomar banho. Quando saiu do banho, você estava feliz, cantando aquela música: "Você é linda, não consigo viver sem você". Da sala eu ouvi esta frase e me comovi, pois eu fiquei feliz por ver você tão contente. Pois, Jua, o que eu mesmo queria é ser feliz com seu irmão e ver felizes todos vocês, irmãos.

Passaram-se uns minutos e você apareceu na sala e nos disse: Queridos, vocês não vão à missa lá na igreja? Respondi: Jua, daqui a pouco a gente vai também.

Mas, afinal, acabamos por não irmos. Estávamos todos muito felizes, que parecia ver você no meio de um jardim que principiava a florescer.

Mais tarde você, Jua, foi jogar futebol com todos os seus amigos da capela. E foi então que em determinado momento você começou a sentir-se mal. Seus amigos nada mais podiam fazer. Era chegada a sua hora. Você, em tão pouco tempo, tinha cumprido sua bela missão. A missão de tornar os outros felizes, com seu irradiante sorriso com sua bela amizade.

Jua, eu sei que você, antes de partir, queria dizer-nos tanta coisa linda e acabou não conseguindo... Os médicos declararam ao telefone



confirmava a rude fatalidade. Jua, foi um momento de muito sofrimento para mim e para todos.

Hoje eu não consigo te esquecer. Você está sempre em meu pensamento. Nossa amizade era muito forte. Jua, você está no meu trabalho, nos meus estudos, nos meus sonhos, na minha casa, nas ruas por onde passo. Enfim, você está em todos os lugares para onde vou.

Jua, rezo tanto pedindo a você, que esta bem junto de Deus, que nos de apoio e coragem para nós que ficamos na terra. Mas, ao mesmo tempo, sinto que você chora, sentindo vontade de voltar para junto da gente.

Jua, viva em paz com todos os anjos ao seu redor, pois você era uma pessoa sincera, honesta, querida, que gostava de todo mundo. Trabalhava com muito amor e carinho para um dia ter um futuro, uma família. Mas você não conseguiu. Deus levou você do meio de nós. Levou tão cedo, com apenas 19 anos."

21 . MADALENA DANIELA

Catequista e fabriqueira da Comunidade de Santo Isidoro, grande amiga de Juarez, prestou este depoimento:

"Horas antes de sua partida, Juarez estava em nossa comunidade, com o objetivo de passar uns momentos de alegria, junto de seus amigos, disputando uma divertida partida de futebol."

Aproximadamente às dezesseis horas, deu-se o início do jogo. Juarez, centroavante, sempre em busca do gol. Para alegrar a sua equipe, mas respeitando os jogadores de equipe adversaria, considerados por ele bons amigos.

"Durante o intervalo, após 1º tempo, Juarez estava com sua equipe num grupo falando sobre o placar e analisando as falhas da equipe, quando Juarez sentiu-se mal. Foi socorrido pelos colegas e transportado ao hospital. Embora preocupados, mas ignorando a gravidade do caso, deu-se continuidade ao jogo.



"Terminado o jogo, chegou a trágica notícia do falecimento deste incomparável jovem, que tombou em pleno campo de esportes, uma de suas grandes paixões.

"Juarez, a missão que foi confiada era grande, mesmo assim conseguiu cumprí-la, pregando o verdadeiro sentimento de amizade. Apesar de ter partido tão jovem, você, Juarez, é um exemplo a ser seguido por todos, principalmente pelos jovens.

"As verdadeiras amizades são puras, ignoram invejas, exigências. São um laço ao mesmo tempo tênue e forte. Ganham em profundidade e delicadeza o que perdem em ardor sensível e expressão apaixonada. As amizades feitas na juventude são frequentemente duráveis e fazem o encanto de toda uma vida".

22. IVALINO LUIZ CASTRO

Ivalino era um dos maiores amigos de Juarez, sendo também companheiro no jogo de futebol. Eis seu depoimento:

"O jovem Juarez sempre foi amigo de todos. não fazia diferença para ninguém." Participava das promoções na capela no grupo de jovens. Estava sempre disposto a ajudar na família e em qualquer lugar. Rapaz de muita coragem, enfrentava qualquer dificuldade.

"Todas as vezes que ele saía de casa para jogar futebol, era muito divertido. Tomava parte em muitas brincadeiras com amigos e amigas.

"Foi sempre um jovem trabalhador, honesto, sorridente, sempre alegre. Eu e ele éramos como dois irmãos, tendo toda a confiança um do outro.

"A mensagem do Juarez é esta: Deus me chamou, deixei-vos na dor, mas lembrai-vos que meu amor por vós não morre. No céu vos amo como vos amei na terra. Consolai-vos com doce lembrança de que um dia nos tornaremos a ver. Eu vou para Deus, mas não esquecerei aqueles que amei na terra".



23. PE. NERI JOSE TONDELLO

O Pe. Neri Jose Tondello, sacerdote recentemente ordenado na Capela de São Roque, era amigo admirador de Juarez Carra. Na soleníssima festa da ordenação sacerdotal, Juarez servia a mesa, com sua habitual jovialidade.

O Pe. Neri prestou o seguinte depoimento acerca de Juarez Carra:

"O dia 26 de abril de 1993 marcou toda a nossa comunidade pradense. Um filho seu, na flor da idade, teve de repente interrompida sua peregrinação na terra e na história dos homens. Juarez era um irmão que desfrutava sua energia na vivenda comunitária com todo o vigor de sua juventude. Sua alegria, sua disposição, todo um sublime conjunto de virtudes deste jovem extraordinário, com sua partida, deixou a todos nos muito tristes e com uma dor no peito; entretanto, ele continua consolando-nos com sua presença e conduta de amigo e irmão.

"O dia 26 reuniu na comunidade de Nossa Senhora do Caravaggio uma multidão de pessoas, que, sensíveis e solidárias, compartilharam da vida da família Carra, tão fortemente provada. O clima foi de muita dor, emoção e lágrimas. A todos transpassava uma lança cortando o âmago do nosso ser. No ar ecoava uma pergunta: Por que foi breve a existência de Juarez entre nós?

"Ele fazia parte ativamente desta comunidade. No seio do grupo de jovens, participava na organização das promoções, sempre com alegre disposição; no esporte, Juarez foi uma peça importante. Unido à sua equipe, concluiu sua missão como bom cristão atuando no campo de futebol, jogando com os amigos, e, agora, passando a jogar no campo da eternidade, acompanha-nos no jogo de peregrinos na terra dos homens.

"No início da celebração, todos nos emocionamos profundamente quando um jovem e colega de jogo, representando a comunidade, saudou os presentes, declarando que Juarez nos deixou três lições no seu último jogo: 'jogar em equipe, passar a bola, jogar com garra e unidos, vamos vencer este jogo'.



"A seguir este jovem convidou os demais colegas, trajados com roupas de esporte, a circundar o corpo de Juarez, para prestar-lhe uma homenagem de carinho e gratidão.

"Apesar de tanta dor, luto, sofrimento e lágrimas, a celebração desenvolveu a grande passagem do Senhor Jesus entre nós, celebrando a vitória e ressurreição de Juarez no Senhor".

24. PADRE JAIME BERNARDI

O Pe. Jaime Bernardi, da vizinha comunidade de Santana, onde foi ordenado sacerdote da Congregação dos Padres da Divina Providência, era um grande amigo de Juarez. No dia 16 de junho de 1993, desde Verona, Itália, onde completava seus estudos no Instituto Don Calabria, escreveu a seguinte carta à família de Irineu Carra:

"Estimado Irineu e família: Que a graça e a paz de Deus possam estar presentes nos vossos corações. Amanhã viajará ao Brasil um padre que esteve fazendo um curso comigo e senti que seria bom escrever-vos algumas palavras. Em primeiro lugar, confesso-vos que me encontro muito bem aqui na Itália; estou feliz e vejo que aqui também há muitas coisas para fazer.

Aproveito a ocasião para agradecer-vos pela acolhida, pelo carinho, pelo amor e pelo tempo que vocês deram aos meninos quando aí estiveram no mês de janeiro. Posso dizer-vos que gostaram muito e depois no Uruguai muitas vezes falavam com alegria de tudo aquilo que fizeram e de como foram bem tratados por vocês. Agradeço de coração vosso gesto e peço a Deus vos recompense.

O motivo principal desta carta é compartilhar com vocês a dor pela morte do Juarez. Quando a mãe me falou e quando a Denise me escreveu como teria acontecido, vocês não podem imaginar a minha surpresa e a minha dor. Naqueles dias rezei uma missa pedindo a Deus que lhe conceda a paz e o descanso eterno.

Posso imaginar o vosso sofrimento, a vossa dor e as vossas lágrimas. É nesses momentos que devemos colocar as nossas vidas nas



mãos de Deus; confiar muito mais Nele e aceitar a sua vontade por mais dolorosa que seja.

"Não adianta e não serve desesperar-se, protestar, gritar ou até culpar a Deus. E Ele que compõe a história e as nossas vidas. Nós sabemos que amamos nossa vida, neste mundo, só por algum tempo... A nossa casa futura, a nossa verdadeira moradia é o céu... é junto de Deus.

E nesses momentos de dor, de sofrimento, de agonias, que devemos ter mais fé; que devemos crescer na fé. É nestas circunstâncias que devemos ter a certeza de que o Juarez vive junto de Deus; que ele é feliz; que ele reza e pede por vocês e por tantos outros que necessitam. Devemos ter a certeza de que ele está junto de Deus e de que somos nós aqueles que devemos esforçar-nos para sermos bons e um dia poder também chegar à casa do Pai e vivermos sempre juntos.

Nesses momentos difíceis para vocês quero que sintam minha presença amiga, fraterna e orante. Que Deus vos conceda força e boa vontade para seguir adiante na luta sem desanimar e confiando ainda mais Nele. Tenham a seguridade de que Deus ama; de que Ele está presente até nos acontecimentos mais significativos das nossas vidas e do mundo.

Continuem acreditando Nele. Que cada dia de nossa vida seja um crescer na Fé, no Amor, na Oração e na ajuda àqueles que mais necessitam.

Tenham a certeza de que sempre os tenho presentes nas minhas orações. Não se esqueçam de que eu também necessito que rezem por mim. Vou me despedindo pedindo a Nossa Senhora que vos proteja e vos ajude. Um grande abraço a cada um de vocês e lembranças as pessoas conhecidas."

25. NIL TON DAL PONTE SIMIONI

Nilton Dal Ponte Simioni, professor de Educação Física de Juarez, prestou o seguinte depoimento acerca do seu antigo aluno: "Como educador, graças a Deus, nunca fiz distinção entre alunos e sempre me dei bem com eles. Sempre procurei criar situações ou momentos para tudo: lazer, brincadeiras e estudo sério. Mas com o Juarez as coisas eram



diferentes. Não sei o porquê das "coisas". Quem olhava para ele de longe, aparentava um adolescente irrequieto, rebelde, pois não parava quieto, mexia com todos e sempre tinha, por trás do sorriso malandro, que lhe era peculiar, modos ou maneiras de desarmar qualquer situação.

Devido a sua cor um pouco mais morena que os demais, chamavam-no de "negreto" ou "negrinho" e nós, professores, talvez por expressar um pouco mais de carinho, o chamávamos de "Jica". Mas para ele isso não era o mais importante. O mais importante era estar em todas, não somente para aparecer ou mostrar-se o melhor, mas por sentir-se bem assim. Então, em qualquer situação era "negreto", "Jica", Juarez, para cá e para lá, para tudo.

Quando dos esportes era sempre o primeiro a ser chamado. Quando das atividades de campo era sempre o primeiro a se prontificar. Me lembro que numa ocasião necessitávamos de um espalhador de adubo líquido; diversos pais de alunos que moram bem pertinho da Escola tem essa máquina agrícola, mas o que aconteceu? Na manhã seguinte aparece o "Jica" de trator com implemento já abastecido e pronto para fazer o trabalho. Tinha que ser ele!

Qualquer atividade que merecia cuidados e eram perigosas, como subir no telhado da Escola para trocar uma telha ou mesmo trocar uma lâmpada, nós ajudávamos, mas sentíamos confiança no "Jica". Nos dias de mutirão para fazer a limpeza geral da Escola, como pátios, canchas, lavouras e outras, nem sempre tínhamos ferramentas suficientes, e então pedíamos para os alunos trazerem uma foice ou foicinha ou mesmo um carrinho de mão. Apesar de depender da condução, o "Jica" nunca deixou de colaborar se prontificando sempre.

Não sei se era "mal" da família, mas seus manos, o Gilberto, o Jovelino e a Mari também colaboravam, mas não era tanto. A mãe do "Jica" é uma pessoa de coração bastante grande e muito sensível a todas as situações. O pai, um pouco mais reservado. A mãe nunca faltou a uma reunião convocada pela Escola e sempre se mostrou preocupada com o caminhar educativo de seus filhos. Recordamos as inúmeras vezes que ela esperava o nosso retorno para Antônio Prado com frutas, verduras e até flores e aquele sorriso que depositava confiança em nosso trabalho. Sorriso esse apagado com o desaparecimento de seu filho, no qual



depositava grande confiança por ser o braço direito em casa; nas criações, lavouras e negócios, já que os manos se ocupavam com outras atividades.

Dificuldades sempre existem e existirão para todos, mas vontade e vibração para vencer essas dificuldades são poucas as pessoas que tem.

Extrovertimento, simpatia, responsabilidade, alegria de viver, amizade - tudo isso e bem mais você podia prontamente encontrar no "Jica". Que Deus lhe de a merecida recompensa e que seu exemplo ecoe profundamente nos corações de nossos estudantes, aumentando, assim, nossa responsabilidade como educadores. Quem sabe, encontraremos muitos "Jicas".



26. FAMÍLIA CARRA

A família CARRA, da qual participa o nosso Juarez, conta com vários milhares de membros, espalhados por vários Estados do Brasil, onde desempenham papel importante em setores da vida nacional.

De acordo com a diligente pesquisa de Eduardo Carra, filho de Ismael Carra, neto de Santo Carra, bisneto de Lamberto Carra e trineto de Benedetto Carra, os descendentes de seu ancestral imigrante italiano, ultrapassam o número de três mil, na sua maioria nascidos em Antônio Prado.

Eduardo Carra, que é casado com Isolda Riva e tem os filhos: Eduardo, Daniela, Cleber e Francielli, forneceu ao autor os seguintes dados acerca da família CARRA.

BENEDETTO CARRA nasceu no Comune de Curatore, província de Mântua, distante 7 km da capital da província. Casou com Catarina Bolognesi. Em 1885, já com quatro filhos, emigrou para o Brasil, passando a morar no Rio Grande do Sul, onde recebeu do governo provincial uma gleba de 16,5 hectares na Linha Almeida, em Antônio Prado.

Desbravando o sertão, abriu picada na Linha Almeida e construiu sua casa precisamente onde atualmente reside seu descendente Dionísio Carra.

Nesta casa, nasceram mais quatro filhos, que, a princípio, residiram todos com os pais. Por ordem que os filhos casavam, a casa recebia aumento, chegando a formar um comprido casarão, semelhante aos aviários de hoje.

Ocasião houve em que nesta casa moravam 47 pessoas. Deu-se o fato curioso de nascerem cinco crianças numa semana.

Além de cultivar a terra, Benedetto e seus filhos dedicavam-se à suinicultura, cujos produtos transportavam para Caxias do Sul, mediante três enormes carretas de terno, puxadas por nove animais. Para tanto, a família dispunha de 70 mulas e cavalos.

Os *filhos*: Benedetto emigrou para o Rio Grande do Sul com os filhos: Lamberto, Dosolina, Terêncio e Francisco. No Brasil nasceram mais



quatro filhos: Dario, que contraiu matrimônio com Angela Brusca; Pardo, casado com Olímpia Dalle Grave; Luís, casado com Isidora Mattiola; e Guilherme, casado com Angelina Rizzi.

Lamberto nasceu em Curatore, Mântua, no dia 12 de fevereiro de 1873, tendo emigrado para o Brasil com 12 anos.

Em Antônio Prado, Lamberto casou com Virgínia Borella, com quem teve 13 filhos:

1. João, casado com Maria Fioresi.
2. Maria, casada com Pasqual Meneguzzo.
3. Elvira, casada com Antônio Balen.
4. Vitalina, casada com Pedro Pigosso.
5. Pedro, casado com Maria Vedana.
6. Anselmo, casado com Oliva Pazza.
7. Olívio, casado com Angelina Bernart.
8. Santo, casado com Lúcia Castagna.
9. Benedito, casado com Luísa Castagna.
10. Atílio, casado com Maria Bellé.
11. Casarina, casada com Doro Balen.
12. José, casado com Severina Stefani.
13. Afonso, casado com Angela Vicenti.

Dosalina depois de casar, transferiu-se para a região de Passo Fundo.

Terêncio, casado com Maria Dambros (v. adiante).

Francisco, casado com Maria Fioresi, teve 10 filhos: Pierina cc Giacomo Marin; Aurélio cc Romana Mortari; Benjamim cc Assunta Vicenti; Afonso José cc Rosa Castagna; Catarina cc Tenásio Perazzolli; Marcelino cc Teresa Brusamarello; Ângelo cc Paulina Ghinzelli; Graciosa cc Evaristo Marin; Armelinda cc Francisco Comparin; e Casemiro Antônio cc Dosalina Gambin.



Aurélio Carra é pai de Olímpio Carra, pais do advogado Dr. Nevis Francisco Carra e das professoras Odete e Rosane. Silvana Carra, jornalista, trabalha no diário PIONEIRO de Caxias do Sul. Marcos Carra estuda matemática na Universidade Federal de Porto Alegre.

Vicente Carra, filho de Marcelino, reside em Campo Grande, onde possui uma granja de 1.200 hectares, sendo mil de soja e 200 de milho.

Euclides Carra, foi vice-prefeito de Antônio Prado de 1986-1990.

João Carra, 1º filho de Lamberto, casado com Maria Fioresi, pais de numerosa família, emigrou de Antônio Prado para Sananduva, fixando-se no distrito de São Domingos. Seus filhos, netos e bisnetos estão espalhados no atual município de Charrua e em outros Estados. Um membro desta família Benjamim Carra, foi vereador em Sananduva. Outro prepara-se para o sacerdócio na Diocese de Vacaria.

1. PEDRO CARRA (1902 - 1976)

Assim como na história de Antônio Prado, na relação de seus fundadores aparece o imigrante Benedetto Carra e, em Charrua, seu neto João Carra, também na História do município gaúcho de Ibiaçá, entre seus fundadores, figura o nome de PEDRO CARRA, quinto filho de Lamberto Carra.

Nascido em Antônio Prado, casado com Maria Vedana, Pedro fez parte dos 47 descendentes de Benedetto Carra que moravam na mesma casa. Seu filho Alcides Carra afirma que a enorme família sentava na mesma mesa. Era uma mesa bem comprida. Para as refeições de cada dia, era necessário varias grandes polentas.

Seguindo a profissão da família, Pedro, em Antônio Prado, exerceu a profissão de carreteiro durante 40 anos, percorrendo os municípios da serra das Antas e dos campos de Cima da Serra, havendo, inclusive, juntamente com Ernesto Bertolini, transportado, em sua enorme carreta de terno, pedras para a construção da Catedral de Vacaria.

De Antônio Prado, partiram milhares de famílias rumo das novas terras de vários Estados do Brasil. Entre estas, a família Carra. Então,



Pedro Carra, no verão de 1939, deixava sua terra na tal e com sua família, já com seis filhos, emigrou para o interior do então enorme município de Lagoa Vermelha, fixando-se na localidade do Divino, na Linha Marques, atual município de Ibiacá .

A família viajou em duas carroças, uma carreta de terno; outra de três mulas. Foram quatro dias de viagem, com quatro paradas, na Cruz de Ferro, município de Nova Prata; a segunda no Laranjal, Lagoa Vermelha, atualmente André da Rocha; a terceira, na cidade de Lagoa Vermelha; e por fim, no então distrito de Nova Fiume, atual município de Ibiacá.

Aqui Pedro adquiriu uma grande gleba da Fazenda Marques, terras de campo e mato. Principiou cultivando a terra, passando, ao depois, a abrir a primeira casa de comércio da localidade, dando atendimento ainda a todas as famílias da capela de Santa Teresinha, cujo professor era o sr. Caetano Bianchi, casado com Alini Pastro Bianchi, grandes amigos e fregueses do sr. Pedro Carra.

A família trabalhando no comércio, na agricultura e na pecuária, progrediu rapidamente nos negócios. Tratou, então, de adquirir um caminhão Ford, importado, o 1º de toda a história de Ibiacá. Nesta aventura, Pedro sofreu um baque tremendo, como muitas vezes, acontece com os pioneiros, desbravadores do sertão.

Um médico de Ibiacá, A.S.M. que em 15-1-1949, chegara para trabalhar no hospital Santil Filomena, de propriedade da paróquia, prontificou-se a "auxiliar" o seu Pedro nesta empreitada. Propôs viajar a São Paulo de avião para juntos trazer o caminhão.

Numa tarde de domingo, depois que o médico pediu à família que rezassem para serem bem sucedidos, ambos, embarcados num caminhão, dirigiram-se a Lagoa Vermelha, de onde, de ônibus foram a Passo Fundo, hospedando-se no Hotel Brasil, ambos no mesmo quarto. Diz o médico:

- Seu Pedro, você vai viajar pela primeira vez de avião. Você precisa se prevenir para não sentir-se mal durante a viagem. Eu vou aplicar-lhe uma injeção na espinha.

- Doutor, por que na espinha?

- Para fazer mais efeito, seu Pedro.



Quando o medico fez a injeção, Pedro sentiu uma dor muito forte e gritou: Meu Deus, o doutor me matou!...

Daí por diante, Pedro permaneceu inconsciente durante três dias. No terceiro dia, quando o hoteleiro, estranhando a demora do seu cliente, foi chamá-lo, Pedro deu-se por conta de que fora vítima de um assalto. Estava sem o dinheiro, 72 mil cruzeiros, que estavam guardados em quatro bolsos, da japona de couro e das calças.

O médico, ao deixar o hotel, recomendou: Vou deixar aqui meu companheiro; se ele fizer algum barulho, não dê bola; ele é meio louco.

Voltando a si, Pedro mandou chamar o seu amigo Alberto Busatto, outro comerciante, que o levou ao hospital, enquanto a família Marin informava os filhos em Ibiaçá. Alberto, o filho mais velho, foi então a Passo Fundo e depois de três dias, retornou para casa levando o pai, felizmente recuperado, dando graças a Deus por não ter perdido a vida como perdera aquela montanha de dinheiro, na época, uma fortuna, que dava para comprar 15 colônias. Tudo fruto de longos anos de suores e de empréstimos. Para saldar os débitos, a família obrigou-se a vender todo o seu enorme rebanho de suínos.

O médico, que era casado e tinha dois filhos, desapareceu, deixando a família em Ibiaçá. Passados dois meses, a esposa e os filhos deixaram Ibiaçá em rumo ignorado. Para substituir o médico, chegava, pouco depois, um novo profissional, na pessoa do Dr. Solon Maraninchi. A notícia do assalto, veiculada pela imprensa, provocou buscas policiais em Porto Alegre. Afirmava-se que fora visto na zona do meretrício, em São Leopoldo.

Pedro Carra veio a falecer com 73 anos, no dia 28 de julho de 1976. Casado com Maria Vedana, teve oito filhos: Alberto, Alcides, Luiz, Maurílio, Lauredi, Vilma, Carlinda e Juvelina. Alberto e Alcides com os filhos são estabelecidos com forte casa de comércio na cidade de Ibiaçá. Além de loja de tecidos, confecções e armarinho, atuam com compra e venda de cereais, sendo produtores de "Sementes Carra". Trabalha no escritório Jaime Aimoré Barbizan.

Alberto, casado com Celina Belin Carra, tem três filhos: Carlos, diplomado em Administração de Empresas; Dr. Rosálvaro José, médico, exerce a profissão na cidade gaúcha de Maximiliano de Almeida, dando



atendimento no hospital da Sociedade Beneficente São Jose; Ivana Justina casada com Francisco Barizon.

Alcides, casado com Maria Negri Carra, tem os filhos; Valcir Luiz, bacharel em Administração de Empresas; Moacir, economista; Atecir, operador de silo; Claudemiro, granjeiro; Osvaldina; Joacir, caminhoneiro; Luiz, casado com Clélia Baschera, cuja primeira filha morreu queimada em criança, tendo ainda os filhos: Marcos, Sônia e Maribel, granjeiro; Maurílio, granjeiro, casado com Teresa Rech Mazzutti, tem os filhos: Fernanda e Lauredi; Lauredi, granjeiro, casado com Lori Campana, filhos: Alexandre e Simone; Vilma, casada com Firmino Perondi, filhos: Zeli e Celso Luiz; Carlinda, casada com Valdir Cechin, filhos: Cleber e Flávio, este diplomou-se engenheiro agrônomo pela Universidade Federal de Santa Maria, em 1993; Juvelina, casada com Valdir Baschera, filhos: Marlene, Jocelene e Rosana.

A família possui uma grande propriedade no Mato Grosso, no município de Tangará da Serra, estabelecida com granja e pecuária. Em Campo Novo dos Parecis, Mato Grosso, a família possui uma grande fazenda operando com pecuária.

2. MARIA DAMBROS CARRA

Pertenceu a comunidade de Nossa Senhora do Caravaggio a mais abnegada e benemérita parteira de Antônio Prado - MARIA DAMBROS CARRA. Durante cerca de 70 anos, dia e noite, andando a pé, sem cobrar, atendeu a todos os partos desde a cidade até Santana. Foi ela que atendeu o nascimento de Madalena Costa Carra, mãe de Juarez.

Natural de Ana Rech, onde nasceu em 18-5-1885, filha de João Dambros, transferiu-se com a família para Antônio Prado com a idade de três anos. No dia 17 de outubro de 1905, contraiu matrimônio com Terêncio Carra, imigrante italiano, filho de Benedetto Carra, que e, como sabemos, o ancestral da enorme família Carra, com mais de três mil descendentes, espalhados por vários Estados do Brasil.



O casal teve só um filho, Ângelo, que perdeu o pai em 9 de dezembro de 1929. Maria casou com 19 anos e faleceu com 96 anos, no dia 18 de junho de 1981.

O filho Ângelo casou com Amábile Marian, com quem teve os filhos: Maurília, Aurélia, Terêncio, Olímpio (+), Alcides (+), Isolda, Zulmir, Irma, Osvaldo, Rita, Laurita e Olita.

3. OLÍVIO CARRA - FUNDADOR DE SÃO MIGUEL DO IGUAÇU - PR

A cidade de São Miguel do Iguaçu foi fundada na década de 1950 por pradenses, entre os quais a família de Olívio Carra, filho de Lamberto e Virgínia Borella. Juntamente com membros das famílias Franzon, Martello, Borella e outras, todas de Antônio Prado, no ano de 1952, empreenderam audaciosa viagem, que durou 18 dias. Uma verdadeira odisseia, em que até uma criança pereceu durante esta longa viagem rumo do sertão do Oeste Paranaense.

Felix Carra, filho de Olívio, em entrevista ao autor, narrou as peripécias desta aventura, declarando que, em meio ao denso matagal, encontraram uma casa onde surgiu a cidade de Medianeira. Na localidade onde foi fundada a cidade de São Miguel do Iguaçu, havia apenas seis casas. Para obter mantimentos, era preciso buscá-los na Argentina.

Naquele ano de 1952, toda a família de Olívio Carra e de sua esposa Angelina Bernart Carra, transferiu-se para o oeste paranaense. Eram 13 filhos, sendo que vivem em 1994 dez, a saber:

Alexandre, forte agropecuarista em São Miguel do Iguaçu.

Orfília, casada com Ângelo Favaretto, foi a única a permanecer no Rio Grande do Sul, onde reside em Farroupilha.

Inês, casada com Antônio Vamerlatti, agropecuarista em São Miguel do Iguaçu.



Zelinda, casada com Angelin Valiatti, comerciante na cidade de Foz do Iguaçu.

Felix, casado com Terezinha Dall'Acqua, transferiu-se em 1960 para a cidade de Medianeira. Técnico em serra-fita, e forte empresário, dono de dois prédios com seis apartamentos e cinco salas comerciais. Sua bela moradia abrange 400 m². Pai de quatro filhos: Luiz Carlos, que em 27-1-1981 pereceu afogado no mar, praia de Barra Velha, em Santa Catarina. Tinha 20 anos e frequentava o 3º ano do curso de Engenharia Mecânica.

José Augusto e empresário, diplomado em Informática.

Salete é diplomada em Análise de Sistemas.

Sandra, funcionária da Prefeitura de Curitiba, e diplomada em Análise de Sistemas e em Administração de Empresas.

Os demais filhos de Olívio: Clair, casada com Frederico Piazza, fazendeiro em Conceição do Araguaia.

Lourdes, casada com Ivo Borges, fazendeiro em Conceição do Araguaia.

Hélia, casada com Ivo Brod, funcionário da COTREFAL, em Medianeira.

Delvino é comerciante em São Miguel do Iguaçu.

Ilda, casada com João Moraes, é comerciante em S. Miguel do Iguaçu.

4. CAPELA NOSSA SENHORA DO CARAVAGGIO

A pequena localidade de Nossa Senhora do Caravaggio da Linha Almeida, junto a estrada Ernesto Alves, a 12 km da cidade, e o berço de JUAREZ.

Por volta de 1910, um grupo de pioneiros formou uma sociedade e construiu uma capela, que dedicaram a Nossa Senhora do Caravaggio.

Eis a relação destes fundadores: Isidoro Vedana, José Artuso, José Belé, José Marin, Davi Belé, Pedro Belé, Antônio Bresolin, Ernesto



Marcon, Francisco Proia, Aurélio Saugo, Guerino Saugo e mais alguns membros das famílias: Borella, Appio, Viapiana, Andreatta, Castro e Ghinzelli.

Em 1980 faziam parte desta comunidade os seguintes sócios: Carmine Artuso, Velodino Artuso, Luiz Vedana, Luiz Castro, Ismael Carra, Isidoro Carra, Ulisses Viapiana, Geraldo Marin, Ângelo Carra, Modesto Marin, Valdomiro Marin, Nério Martello, Felice Vedana, Irineu Carra, Atilio Belé, Giácomo Marin e Afonso Marin.

Em 1994, a comunidade compunha-se de 30 sócios, sendo residentes na localidade: Irineu Carra, Jovelino Carra, Felix Vedana, Valdecir Vedana, Velocino Artuso, Delvino Artuso, Alcides Lodi, Ulisses Viapiana, Valdemiro Marin, José Marin, Otacílio Capinelli, Valdecir Foralosso, Osvaldo Carra, Luiz Castro, Auri Marin, Darci Faraon, Atilio Bele, Agenor Sabedot, Antônio Volpato, Santo Costa e David Pozzer.

A primeira capela de madeira, fora construída em 1910 um pouco acima da atual. A segunda, igualmente de madeira, foi inaugurada em 1912, havendo a Cúria Diocesana concedido autorização no dia 26 de setembro do mesmo ano.

Em 1968 foi inaugurada a igreja atual, um belo templo de alvenaria, num pendor de terreno, a poucos metros da estrada, ao lado do vasto salão de alvenaria e do pequeno cemitério.

A comunidade dispõe de uma escola municipal, Euclides da Cunha, criada em 1954 pelo Prefeito Municipal Waldemar Mansueto Grazziotin.

Durante muitos anos, funcionou aqui uma forte casa comercial de propriedade de Isidoro Marin. A única de toda a história da comunidade.

Isidoro Marin, que foi tropeiro e carreteiro, trouxe para cá a primeira carreta, trazida de Caxias do Sul, desmontada, em cargueiro de duas mulas; duas rodas em cada um dos animais.

São naturais desta comunidade, entre outras pessoas influentes espalhadas pelo Brasil, o Pe. Delvino Marin, filho do citado Isidoro Marin e de Pierina Carra Marin. Vicente Roque Vedana, professor em Goiana. Dr.



Osvaldo Vedana, advogado em Lages, SC. Dr. Valdesir Marin, medico veterinário.

As famílias desta comunidade dedicam-se à agricultura, viti-vinicultura, pomicultura e, especialmente, ao transporte rodoviário. Dezenas de possantes carretas, que percorrem as estradas do país. Eleutério Marin, filho desta comunidade, possui garimpo de ouro em Mato Grosso.

5. SANTUÁRIO PRADENSE DE CARAVAGGIO

As cinco horas da tarde do dia 26 de maio de 1432, a Santíssima Virgem apareceu a Joaneta Varoli, em Caravaggio, norte da Itália.

Os imigrantes italianos do Rio Grande do Sul são procedentes do norte da Itália. Devotos de Nossa Senhora do Caravaggio, construíram numerosas igrejas dedicadas à Santíssima Virgem sob esta invocação.

Existem vários santuários no Rio Grande do Sul dedicados a Nossa Senhora do Caravaggio. O mais importante encontra-se no município de Farroupilha. A princípio, em 1879, foi construída uma capelinha. Em 1890 era inaugurado o Santuário e em 1945, lançada a pedra fundamental do novo Santuário, inaugurado em 3 de fevereiro de 1963.

No município de Canela, o Santuário de Saiqui, a seis km da cidade, em 1959 foi construído pelo vigário, Pe. João Marchesi, cumprindo promessa feita por Ângelo Rigotto.

Outro grande Santuário de Caravaggio, construído pelo Frei João Crisóstomo Pilatti, encontra-se na cidade de Paim Filho.

A capela de Caravaggio da Linha Almeida é considerada como pequeno santuário de Antônio Prado. A festa e celebrada sempre com enorme afluência de devotos, muitos procedentes da cidade, viajando a pé.

A festa de 1993 contou com mais de quatro mil pessoas. Foram festeiros: Gilberto Carra, Darci Famon, Leonor Marin e Pedro Marin. Foram



consumidos 1.300 quilos de carne, 120 tortas, 50 frangos de forno... A renda bruta foi de 320 milhões de cruzeiros, sendo 34% renda líquida.

6. Novena a Nossa Senhora do Caravaggio

Abri, Senhor, os nossos lábios e cantaremos o vosso louvor; purificai nosso coração de todos os pensamentos vãos, perversos e alheios; iluminai a nossa mente e inflamai a nossa vontade, para que possamos fazer, digna e devotamente, esta novena em honra de vossa bendita Mãe, a Virgem do Caravaggio.

Lembra-vos de socorrer e consolar a quem vos invocou, implorando a vossa proteção e assistência. Assim, pois, animado com igual confiança, ó Virgem das Virgens, a Vós recorro, de Vós me valho e, gemendo sob o peso de meus pecados, e humildemente me prostro a vossos pés. Não rejeiteis as minhas súplicas, ó Virgem do Caravaggio, mas dignai-vos de as ouvir propícia e de me alcançar a graça que vos peço. Amém.

1º dia - Ó Maria, Sede da Sabedoria, Vós que ensinastes à vossa serva Joanete a viver unicamente por Deus e para Deus, obtende-nos a graça de seguir, como única forma de vida, a sabedoria dos Santos, permitindo-nos perceber em todas as coisas o que vem de Deus e amá-lo como nosso único fim. Sede da Sabedoria, rogai por nós. Ave-Maria.

2º dia - Intercedei por nós e que em nós que somos tão pecadores a misericórdia divina que é maior do que o nosso pecado, faça nascer o alegre espírito de conversão para sermos autênticos discípulos de vosso Filho Jesus. Auxílio dos Cristãos, rogai por nós. Ave-Maria.

3º dia – Ó Maria, refúgio dos pecadores, Vós já atraístes inúmeras almas a este Santuário e as ajudastes a se livrar do peso das suas culpas e recuperar a paz da consciência. Alcançai-nos uma verdadeira contrição de nossos pecados e uma firme vontade de expiá-los por meio de uma sincera penitência. E, assim, poderemos viver e crescer dia-a-dia na graça de Deus. Refúgio dos pecadores, rogai por nós. Ave-Maria.



4º dia - Ó Maria, Virgem poderosa, Vós escolhesteis como vosso instrumento uma pobre camponesa para manifestar vossa vontade aos homens, e lhe inspirastes a coragem e constância necessárias para apresentar-se como vossa mensageira diante dos poderosos do mundo. Dignai-vos sustentar a nossa fraqueza e dai firmeza à nossa inconstância, de maneira que, superados todos os obstáculos, possamos perseverar no serviço de Deus e vosso até a morte. Virgem poderosa, rogai por nós. Ave-Maria.

5º dia - Ó Maria, Mãe Puríssima, Vos quisestes honrar Joaneta com vossa aparição, porque ela soube guardar, com cuidado desde os primeiros anos, a pureza do coração. Alcançai-nos também a graça da pureza em nossa vida e em nossas famílias. Mãe Puríssima, rogai por nós. Ave-Maria.

6º dia - Ó Mãe, Consoladora dos aflitos, Vós descesteis do céu para confortar a Joaneta nos seus martírios e a consolastes com a vossa celeste visão. Valei-nos também nas penas e aflições e fazei com que, suportando com resignação e paciência as nossas tribulações, possamos alcançar a bem-aventurança que Jesus prometeu aos que tiverem padecido pelo seu amor. Consoladora dos Aflitos, rogai por nós. Ave-Maria.

7º dia - Ó Maria, Saúde do enfermos, Vós que pela vossa intercessão alcançais a saúde do corpo e da alma a tantos doentes, intercedei por aqueles que sofrem em suas doenças e obtende-lhes novamente a saúde, ou pelo menos, a graça da resignação cristã, a fim de completar com suas dores a Paixão de vosso Filho na cruz e crescer em santidade até a morte. Saúde dos enfermos, rogai por nós. Ave-Maria.

8º dia - Ó Maria, Porta do Céu, Vós que em Caravaggio aparecesteis a Joaneta e lhe destes a certeza de sua predestinação para a glória, fazei com que, conservando-nos no vosso amor e devoção, possamos ter a firme esperança de que na hora da morte vireis como Mãe ao encontro de nossa alma, para acolhê-la em vossos braços maternos e apresentá-la a vosso Filho Jesus Cristo, que com o Pai vive e reina na unidade do Espírito Santo. Amém. Porta do Céu, rogai por nós. Ave-maria.

9º dia – Ó Maria, Rainha da Paz, Vós que aparecesteis a Joaneta qual íris de paz em dias de grandes agitações políticas e religiosas, sede portadora da paz e da harmonia para nossas famílias, para o Brasil e para

o mundo; sede a portadora da união dos cristãos para que haja um só rebanho e um só pastor, como na Santa Ceia, orou vosso Filho Jesus. Rainha da Paz, rogai por nós. Ave-Maria.

Oração final: Olhai, Senhor Deus, com a clemência da vossa graça, aos devotos que Vos imploram, para que, relembando a aparição de vossa Mãe Santíssima, mereçamos ser contemplados com a sua valiosa proteção em todos os perigos e adversidades e premiados com a vida eterna. Por Nosso Senhor Jesus Cristo vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém.



JUAREZ CARRA

OS FATOS EM FOTOGRAFIA



Figura 3 – Família de Irineu e Maria Carra





Figura 4 - Prof. João Lovatel e esposa entregam a Juarez o Diploma de 8ª Série.



Figura 5 - Em primeiro plano – Juarez, durante uma pescaria.



Figura 6- Juarez junto a seu padrinho de Crisma, Deonir Costa, no casamento dele.

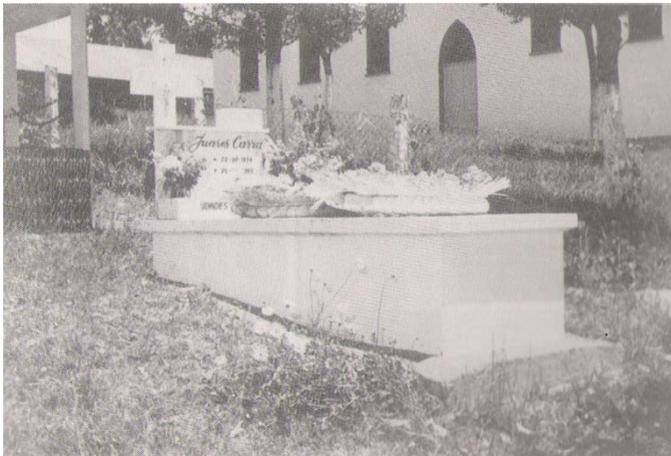


Figura 7 - Túmulo de Juarez Carra.





Figura 8 - Avós e tios maternos de Juarez:Domingos Costa e Família



Figura 9 - Moradia atual da família de Irineu e Madalena Carra.





Figura 10 - Casas e pomar da Família de Irineu Carra. Falta o pavilhão construído em 1994.



Figura 11 - Pomar de macieiras da família de Irineu Carra.





Figura 12 - Juarez recebe a Primeira Comunhão do Padre Júlio Giordani, junto aos pais.

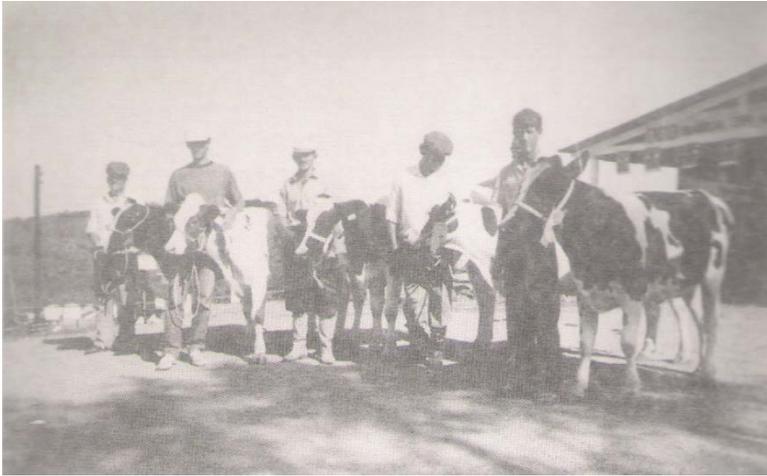


Figura 13 - Exposição de Animais em Antônio Prado em 1992. Juarez apresenta a novilha premiada de sua família.



Figura 14 - O primeiro túmulo à direita é o de Juarez, no Cemitério da Capela N. S. do Caravaggio.



Índice de ilustrações

Figura 1- Juarez recebe a Crisma, de D. Paulo Moretto; padrinho: Deonir Costa.	7
Figura 2 - 1977 – casamento de Luiz e Celita Barison; Juarez com três anos.	7
Figura 3 – Família de Irineu e Maria Carra	64
Figura 4 - Prof. João Lovatel e esposa entregam a Juarez o Diploma de 8ª Série.	65
Figura 5 - Em primeiro plano – Juarez, durante uma pescaria.	66
Figura 6- Juarez junto a seu padrinho de Crisma, Deonir Costa, no casamento dele.	67
<i>Figura 7 - Túmulo de Juarez Carra.</i>	<i>67</i>
Figura 8 - Avós e tios maternos de Juarez:Domingos Costa e Família	68
Figura 9 - Moradia atual da família de Irineu e Madalena Carra.....	68
Figura 10 - Casas e pomar da Família de Irineu Carra. Falta o pavilhão construído em 1994.....	69
Figura 11 - Pomar de macieiras da família de Irineu Carra.	69
Figura 12 - Juarez recebe a Primeira Comunhão do Padre Júlio Giordani, junto aos pais.....	70
Figura 13 - Exposição de Animais em Antônio Prado em 1992. Juarez apresenta a novilha premiada de sua família.....	71
Figura 14 - O primeiro túmulo à direita é o de Juarez, no Cemitério da Capela N. S. do Caravaggio.	71





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

“Juarez era um apaixonado pelo futebol, em que sempre se destacava na sua posição de atacante. E foi jogando futebol que ele entrou no céu, recebido triunfalmente como um herói imortal.”



Capela Nossa Senhora do Caravaggio – Linha Almeida



Fachada do Cemitério da Capela N. S. do Caravaggio.